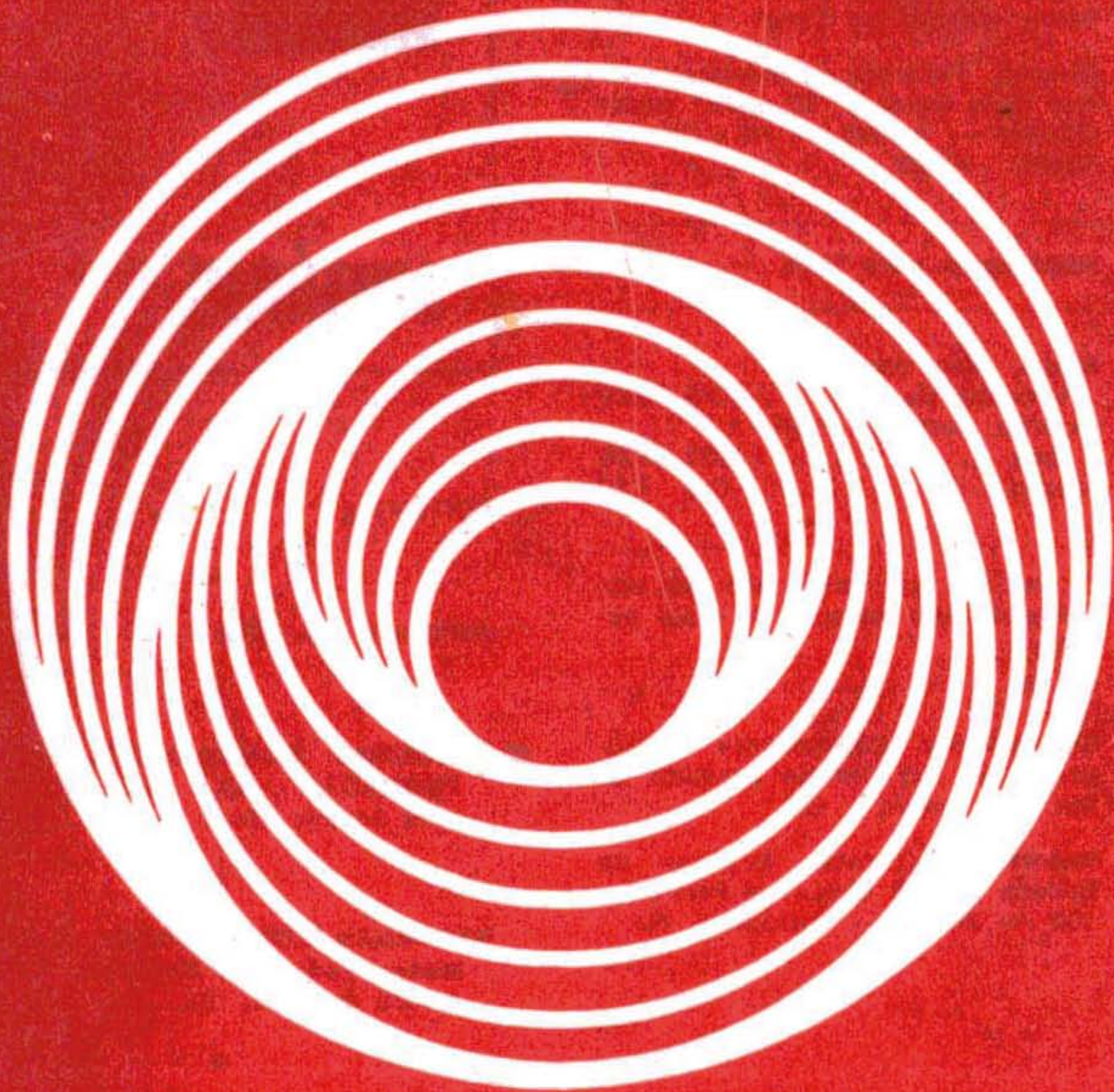


convergência

JAN/FEV — 1975 — ANO VIII — Nºs 77/78



- **PEQUENAS COMUNIDADES EMPENHADAS NA PASTORAL**
Irmã Jeanne Marie Tierny, OSU, página 5
- **PEQUENAS COMUNIDADES,
ANOTAÇÕES SOBRE UM ENCONTRO**
Pe. Alvaro Barreiro, SJ, página 27
- **ENCONTROS DE ORAÇÃO**, Pe. Jacques Cloutier, OMI
1ª parte: Guias de animação, página 41
2ª parte: Os grandes temas da oração cristã, pág. 49

CONVERGÊNCIA,
revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Rua Dom Gerardo, 40 — 6.º andar
(ZC-05) — 20 000 — RIO DE JA-
NEIRO — GB

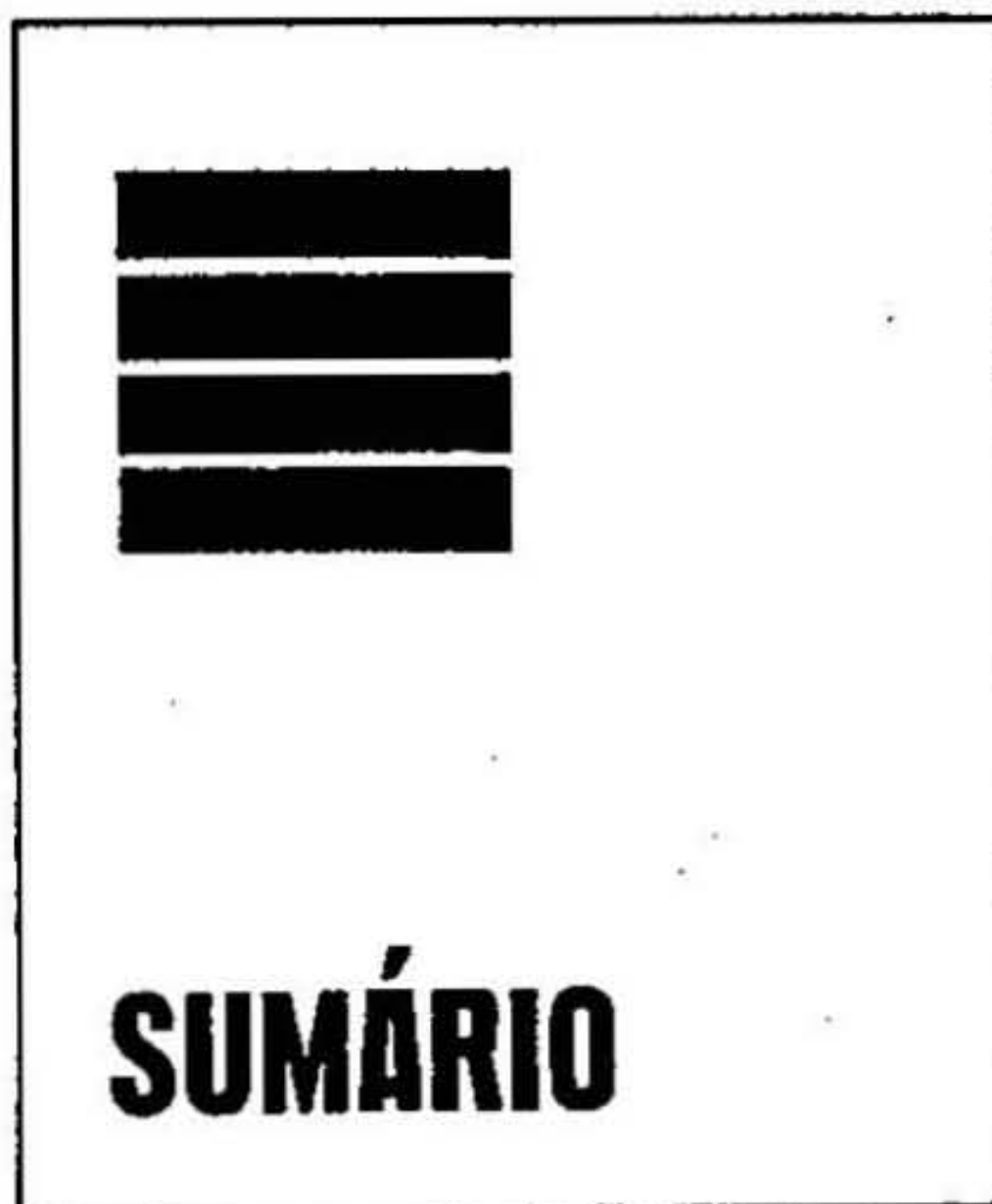
Assinaturas para 1975:

Brasil, taxa única (via
terrestre ou aérea .. Cr\$ 75,00
Exterior, remessa marítima .. US\$ 17,00
Avulso Cr\$ 7,50

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helyética Ltda., rua Correia Vasquez, 25 Rio de Janeiro - GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís, 100 — 25600 — Petrópolis. RJ.



EDITORIAL	1
•	
INFORME DA CRB	2
•	
PEQUENAS COMUNIDADES EMPENHADAS NA PASTORAL, Irmã Jeanne Marie Tierny, OSU	5
•	
PEQUENAS COMUNIDADES, Anotações sobre um Encontro, Pe. Alvaro Barreiro, SJ	27
•	
ENCONTROS DE ORAÇÃO, Pe. Jacques Cloutier, OMI	41
Primeira Parte: Guias de animação.	
Segunda Parte: Os grandes temas da oração cristã.	
•	
LIVROS NOVOS	64

EDITORIAL

C. 956
BIBLIOTECA
R. DOM GERARDO, 40-2
JULIO - BR.
maior
etc
ciudad.
9/3

Estimados leitores de **Convergência**: a CRB quer levar até vocês uma saudação amiga, neste primeiro encontro de 1975.

Voltamos dispostos a servir e sempre melhor, convencidos que vale a pena gastar a vida suscitando a esperança, confirmando a fé, animando-nos no amor do Senhor. Cada ano que começa nos traz à memória uma verdade importante do cristianismo: a vida é um constante renascer.

Estamos sempre começando a caminhada para o Pai, vislumbrando ilimitadas possibilidades de progresso. Cada passo que damos é novo. Cada ano que começa é novo. Cada olhar, cada gesto, toda esperança, toda fé, todo o amor sempre são novos. Nossa vida é uma novidade. É sempre nova. Também 1975.

A programação deste ano será **EVANGELIZAÇÃO E VIDA RELIGIOSA**. Queremos sintonizar com as grandes preocupações da Igreja Universal, de fazer chegar a mensagem do Senhor Jesus a todos os homens. O último Sínodo preocupou-se com Evangelização, em todos os seus aspectos. Neste empreendimento nós religiosos temos uma considerável parcela de responsabilidade. Nossos irmãos do passado cumpriram

sua parte. Toca a nós hoje continuarmos. Não queremos abordar o tema Evangelização de modo teórico e abstrato, mas sim, a partir da realidade concreta onde trabalhamos.

Como será salvadora a palavra do Senhor para o encarcerado, para o tecnocrata, para o jovem, para o homem secularizado, para o estudante, o doente, o marginalizado, o pobre, etc. E que papel desempenhará em tudo isso o religioso? Neste número de **Convergência** você encontrará um modo típico de evangelização de religiosas através de Pequenas Comunidades, inseridas em lugares pobres.

Um modo de viver que pode ser evangelizador tanto para o povo que é servido, quanto para as religiosas que servem. Você vai sentir uma realidade brasileira. **Pe. Alvaro Barreiro** faz uma reflexão teológica sobre alguns aspectos das Pequenas Comunidades, ajudando-nos a descobrir pistas. No final colocamos uma série de sugestões de como animar e vitalizar os pequenos grupos.

Agradeço o apoio recebido em 74. Contamos também neste ano com sua vigilância crítica. Também agradecemos aos que nos enviaram apreciações sobre a revista. Insistimos que continuem a fazê-lo, pois sua palavra para nós é séria.

Frei Constâncio Nogara, OFM

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

XIV ASSEMBLÉIA GERAL DA CNBB

De 18 a 28 de novembro de 1974, na Casa de Retiros dos Padres Jesuítas, em Itaici, São Paulo, realizou-se a XIV Assembléia Geral da CNBB. Participaram 207 bispos (existem no Brasil 280), os assessores dos diversos organismos nacionais da CNBB (padres, religiosos e leigos), os representantes regionais da Comissão Nacional do Clero. Pela CRB participaram o Presidente, Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ, e Frei Constâncio Nogara, OFM, Secretário Executivo.

Dentro do extenso programa ressaltavam dois assuntos como principais: definir as linhas fundamentais do novo Plano de Pastoral de Conjunto e eleger os membros da nova Presidência e da Comissão Episcopal de Pastoral para o próximo quadriênio.

Destacamos as seguintes conclusões a que chegou a Assembléia:

1. **Pastoral de Conjunto.** Os bispos ponderaram diversas opções acerca da Pastoral de Conjunto. Decidiram-se, após várias sessões plenárias e estudos de grupos, manter as diretrizes gerais do Plano anterior, enriquecendo-o com novas justificativas e opções prioritárias. Surgiram numerosas pistas para cada uma das seis linhas e apontaram vasta lista de prioridades, dentre as quais ressaltamos: Comunidades

Eclesiais de Base, Pastoral Familiar, Pastoral de Juventude, Vocações e Ministérios, Religiosidade Popular.

2. **Liturgia.** Entre os vários assuntos tratados, deram-se várias orientações para a celebração e participação comunitária da Crisma; o Documento **Pastoral da Eucaristia**, elaborado pela Comissão Episcopal de Pastoral, com rica reflexão teológica e numerosas pistas para celebrações, foi aceito pela Assembléia; comunhão na mão, assunto que suscitou vivas manifestações, foi aprovado por ampla maioria; a CNBB dirigirá à Santa Sé pedido no sentido de que as Dioceses que o quiserem possam introduzir este modo de comungar.

3. **Dízimo.** Após demoradas reuniões em plenários e em grupos de estudos, o assunto dízimo, já ventilado em outras Assembléias, ficou a critério da respectiva diocese introduzi-lo no momento oportuno e, conseqüentemente, abolir as taxas de culto.

4. **Escolha de novos bispos.** Também preocupou a Assembléia. Além de várias orientações para a escolha do novo bispo, sugeriu-se a constituição de uma Comissão Regional que levará em conta as características das dioceses que serão providas de novos pastores.

5. **Outros assuntos decididos:** a) A Igreja no Brasil está disposta a rever sua posição tradicional frente à Maçonaria, após receber desta maiores informações sobre seu modo de agir e seus projetos. b) Debateu-se, pela primeira vez em Assembléia, o assunto dos sacerdotes que abandonaram o ministério. Recomendou-se que os bispos mostrem por eles um fraterno interesse e criem condições para diálogo. c) Manteve-se a decisão da Assembléia anterior, de transferir a sede principal da CNBB para Brasília. d) Votou-se a reunificação dos Regionais Centro (Brasília) e Centro-Oeste (Goiânia), ficando como Regional Centro-Oeste, com sede em Goiânia. e) A Assembléia recomendou prudência no tocante aos retiros de Pascoalização, para prevenir abusos e desvios, já ocorridos.

6. **Eleições.** Um dos itens importantes da Agenda eram as eleições para a Presidência (três membros) e para a Comissão Episcopal de Pastoral (seis membros). Os resultados foram os seguintes: Presidente: Dom Aloísio Lorscheider, OFM, Arcebispo de Fortaleza, CE. Vice-Presidente: Dom Geraldo Fernandes, CMF, Arcebispo de Londrina, PR. Secretário Geral: Dom Ivo Lorscheiter, Bispo de Santa Maria, RS. Comissão Episcopal de Pastoral: Dom José Freire Falcão, Arcebispo de Teresina, PI; Dom Moacyr Grecchi,

OSM, Bispo de Rio Branco, AC; Dom Paulo Ponte, Bispo de Itapipoca, CE; Dom Clemente Isnard, OSB, Bispo de Nova Friburgo, RJ; Dom João Batista Przyklenk, MFS, Bispo de Januária, MG; Dom Nivaldo Monte, Arcebispo de Natal, RN.

A coordenação, o trabalho em grupos e plenários, bem como as celebrações litúrgicas agradaram muito. Houve no quarto dia da Assembléia, um recolhimento, orientado pelo Pe. Luciano Mendes de Almeida, SJ, Provincial dos Padres Jesuítas, sobre o tema **Vivência Eucarística dos Ministros Hierárquicos.**

Com a presença de todos os bispos, houve uma solene concelebração na Catedral de Campinas para abertura do Ano Eucarístico Nacional, que terá seu ponto máximo, no Congresso Eucarístico Nacional em Manaus, neste ano de 1975.

A Assembléia desenrolou-se em clima de cordialidade, permitindo ampla troca de experiências pastorais. Todas as decisões foram tomadas após o confronto e debate francos entre as diferentes posições; notou-se uma convergência nos pontos fundamentais, sobretudo no que diz respeito às orientações da Pastoral. Um marcante espírito de serviço orienta sempre mais profundamente as atitudes dos senhores bispos.

PRIMEIRA ASSEMBLÉIA REGIONAL DE BRASÍLIA

Cerca de 54 Superiores Provinciais ou seus delegados, mais os representantes dos núcleos de Taguatinga e Formosa, reuniram-se no Colégio das

irmãs Dorotéias em Brasília, para a Primeira Assembléia Regional. Presentes ainda Dom José Newton de Almeida, Arcebispo de Brasília e Mons. Paulo

Giglio, da Nunciatura. Da parte da CRB Nacional participaram o Pe. Faliero Boncí e a Irmã Helena Maria Ferreira.

Dois temas foram explicitados durante a Assembléia: **Atualidade e perenidade da experiência de Deus**, pelo Pe. Faliero Boncí e **O Religioso e a Igreja Particular**, pela Irmã Raquel Melo Matos de Castro, Provincial das Irmãs da Assunção. Irmã Helena Maria Ferreira, da CRB Nacional, expôs as linhas de programação da Nacional e o sistema de relacionamento com as Regionais e Organismos Nacionais e Internacionais. O Secretário Executivo da Regional, Irmão Cláudio Brandão, expôs o Relatório das Atividades da Regional desde

a sua fundação evidenciando o que se fez e traçando as metas a se alcançar no futuro.

Em clima de muita distensão e maturidade, a Assembléia elegeu para o próximo triênio, esta Diretoria: **Presidente:** Frei Venâncio Pivatto, OFM Cap. **Conselheiros:** Irmã Raquel Melo Matos de Castro, RA; Irmã Ilza de Lourdes Rocha, RSCM; Irmão Zeferino Zandonadi, Marista; Irmão Raimundo Giasou, Lassalista.

Uma caprichosa oração preparada para o momento inicial e uma celebração eucarística participada por todos, começava e encerrava cada dia de trabalho.

PEDEM RELIGIOSOS

1

PARÓQUIA

Dom Manuel Lisboa de Oliveira, Bispo de Nazaré, Estado de Pernambuco, oferece a Paróquia da cidade de Goiana, Estado de Pernambuco. Goiana fica a 62 quilômetros de Recife em estrada asfaltada. Tem 30.000 habitantes. O Município, 60.000. Limita-se com o Oceano Atlântico incluindo a renomada praia de Ponta das Pedras. O município tem 15.000 estudantes em todas as faixas do ensino, do primário à Universidade. A casa paroquial está muito bem conservada.

Para maiores esclarecimentos, escrever para: Dom Manuel Lisboa de Oliveira. Praça Herculano Bandeira, 35. Caixa Postal, 2. CEP 55.800 Nazaré da Mata, Pernambuco.

2

HOSPITAL E MATERNIDADE

A Congregação das Irmãs de Caridade da Mãe de Misericórdia, deseja passar para alguma Congregação a continuidade de um serviço hospitalar. Para isso, quer entregar o **Hospital e Maternidade Governador Flávio Ribeiro Coutinho**. É bem equipado com 61 leitos. Tem dependências completas para uma comunidade de oito pessoas no mesmo terreno, mas em outro prédio. O trabalho do hospital não ocupará as oito irmãs.

Para maiores esclarecimentos, escrever para: Irmã Cecília Hoes, Superiora Regional. Praça Flávio Ribeiro Coutinho, 202. CEP 58.300 Santa Rita, Paraíba.

PEQUENAS COMUNIDADES

EMPENHADAS NA PASTORAL

Irmã Jeanne Marie Tierny, OSU

Apresentação

O Sínodo dos Bispos de outubro de 1974 focalizou a missão essencial da Igreja: a evangelização do mundo contemporâneo. "A mesma Igreja é, simultaneamente, mistério divino de fé e sujeito humano de fé. É a Igreja quem crê e evangeliza e quem é crida e evangelizada," **Sínodo dos Bispos**, outubro de 1974.

A Pastoral tem por fim a evangelização que leva à aceitação da fé, à conversão, ao empenho missionário. No sentido mais amplo da palavra, "a pastoral é a ação de toda a Igreja na qual se conjugam todos os objetivos, funções, ministérios e recursos, sob a direção da hierarquia, para realizar integral-

mente sua única missão de evangelização salvadora, promovendo a resposta dos homens ao chamado de Deus, para que todos cheguem à comunhão com o Pai, por Cristo, no Espírito Santo."

"É toda e qualquer ação ou presença dos membros de uma comunidade unida na mesma fé em torno da pessoa de Cristo, com vista a revelar o mistério do amor de Deus e suscitar e desenvolver a mensagem evangélica, sob o impulso do pastor local."

A opção pela vida religiosa contribui altamente para a vitalidade da ação pastoral da Igreja. Os religiosos participam da pastoral na medida de sua fidelidade à vocação de testemunhar, por sua consagração,

a prioridade do amor de Deus e a força do Espírito Santo que une os corações, inspira a vida comunitária e leva à opção, especialmente em prol dos mais pobres.

No entanto, no sentido estrito de Pastoral Orgânica (planejada e coordenada pelo bispo e seus assessores), as Pequenas Comunidades de Religiosas ou de Irmãos Leigos estão mais diretamente ligados à Pastoral, por terem assumido certos serviços, como: a responsabilidade de paróquia, a animação pastoral diocesana nas suas linhas básicas de evangelização e catequese, promoção humana e animação de comunidades eclesiais de base, liturgia e promoção vocacional.

Este rumo vai se acentuando na vida religiosa no Brasil. Por isso, a CRB, juntamente com os responsáveis pela Linha 1 da CNBB, o quis ponderar. Beneficiou-se de um trabalho perseverante de reflexão que vem se fazendo há vários anos, em diversas dioceses e regionais, como por exemplo: no Nordeste, em Minas Gerais e em São Paulo.

Um encontro de reflexão, realizado em setembro de 1974, uniu numa mesma busca, representantes das Regionais, Superiores Provinciais e Bispos. Queremos comunicar os pontos-chaves do questionamento levantado e, na íntegra, a elaboração dos cinco temas escolhidos e estudados pelos participantes.

INTRODUÇÃO

Um fato novo

As Pequenas Comunidades de Religiosas engajadas na Pastoral Orgânica constituem um fenômeno eclesial da vida religiosa, largamente difundido hoje no Brasil. Iniciado há cerca de um decênio, é um fato novo na sua forma e causas. Vai se alastrando de Norte a Sul do país.

Este fato provoca as reações mais diversas: uns o acompanham com interesse; outros, com curiosidade; outros ainda, com desconfiança. E há quem o desconheça. Através deste fato, o que Deus quer nos comunicar?

É necessário questionar sua significação e tentar interpretá-lo à luz dos desafios da realidade, do momento histórico brasileiro e dos documentos da Igreja. Não será este mais um sinal dos tempos para a Igreja no Brasil, para as Congregações Religiosas e para as Comunidades locais? Importa discerni-lo.

Hoje, a Pequena Comunidade de religiosos ou de religiosas pode ser uma forma de revitalização dos carismas dos fundadores. Poderá constituir-se em elemento de confronto e de questionamento das formas tradicionais que, muitas vezes, degeneram em imobilismo e acomodação, tanto nas Congregações religiosas como na Igreja, em geral.

No entanto, é nas Pequenas Comunidades e através delas que se está formando uma conscientização mais clara de certos problemas que existem na vida religiosa. Os membros das Pequenas Comunidades e as próprias Congregações, por causa delas, tornam-se mais conscientes de algumas tensões que existem por toda parte, neste mundo em rápidas transformações. Entre outras tensões apontamos:

Tensão entre a reserva escatológica e as novas formas de inserção no mundo; entre instituição e vivência fraternal; entre estruturas tradicionais e flexibilidade renovadora; entre vida contemplativa e atividade pastoral; entre observância legal e liberdade carismática; entre profissionalização e evangelização; entre auto-realização pessoal e exigências do bem comum. A isto acrescenta-se que membros destas Pequenas Comunidades são, na sua maioria, religiosas cujas vidas não comportaram, anteriormente, trabalhos nos moldes das atuais exigências da Pastoral de Conjunto.

É compreensível que a experiência de muitas destas tensões e a falta de preparo específico, suscite sensação de insegurança e que se procure uma maior clareza. Por causa disto as religiosas nas Pequenas Comunidades querem aprofundar sua identidade.

Tais constatações impõem uma parada para reflexão sobre as motivações mais profundas que impulsionaram o acontecimento deste **fato novo** e para a avaliação dos resultados, quer sejam positivos quer sejam negativos. Isto decorre de sermos todos membros do mesmo povo de Deus e, por conseguinte, corresponsáveis com tudo o que surge no seio da comunidade, mormente quando um fato atinge as proporções da Pequena Comunidade.

1. Que deve levar uma comunidade religiosa a um engajamento na Pastoral? Necessidade de missão? A nova visão da Igreja particular? A própria identidade do ser religioso?

2. Quais os critérios de engajamento a partir da visão da missão da Igreja e da Vida Religiosa?

3. Quais as causas do movimento que levam as religiosas a deixarem as obras estruturadas para formar Pequenas Comunidades no meio popular e no meio ambiente? Pastoral significa sacrificar as obras da Congregação?

4. As congregações encontram-se abertas para atender às aspirações das Irmãs que se sentem impelidas pelo Espírito para novas experiências de vida e de ação missionárias?

I. SER RELIGIOSO

Questionamento

1. Na busca de novas formas de vida religiosa, como vivem as irmãs a sua vida de consagração na comunidade religiosa?

2. Que há de específico na espiritualidade da religiosa engajada diretamente na Pastoral?

3. Quais seriam as dimensões de uma oração encarnada?

4. Como conceber a dimensão eucarística da Pequena Comunidade?

5. Quais os fatores que levam a Pequena Comunidade ao ativismo? Como superá-los?

6. Quais as causas da dicotomia que existe, muitas vezes, entre vida religiosa e Igreja local?

7. Em que condições a Pequena Comunidade pode ser fonte de renovação na Província?

Fundamentação

Para o cristão, a realidade humana e toda a realização pessoal se entende a partir do chamado de Deus. Quando Deus chama alguém à existência incumbe-o da realização dinâmica de um projeto de vida pessoal, dentro do contexto histórico da humanidade. Segundo o plano de Deus, cada um é chamado por Cristo, no Espírito Santo, a ser parte do Reino de Deus.

Vocação religiosa é uma forma possível de realizar a vida humana e cristã como um projeto de vida pessoal, ao lado e a serviço de outros projetos. Para que tal pro-

jeto de vida se transforme em realização autêntica, plenificadora, é necessário conhecer e assumir antes dos aspectos específicos, as condições gerais para uma realização humana e cristã, tais como:

◆ O conhecimento e a aceitação da própria individualidade, masculina ou feminina, no seu contexto histórico e com suas limitações.

◆ O caminhar para uma progressiva síntese dos dados potenciais da própria personalidade, em constante confronto com o ambiente, no desenrolar histórico da vida.

Este esforço de síntese histórica da própria vida precisa abarcar a dimensão dos conflitos, das limitações, das falhas e dos fracassos, isto é, em termos cristãos: a cruz. A identidade do religioso e sua autêntica auto-realização depende do grau de integração que ele consegue ao assumir o seu projeto concreto de vida, na especificidade de sua consagração.

Sabendo seu projeto situado ao lado de outros, relativo portanto, e não superior em si, o religioso pessoalmente precisa optar por ele em forma radical, isto é, assumi-lo sem vacilações e com alegria, como a resposta ao apelo concreto do Deus absoluto.

O ser religioso, enquanto projeto de vida, diferencia-se de outras modalidades de realização cristã pela consagração, pelo engajamento numa congregação, determinada por

uma missão específica. Para o religioso, a consagração enquanto compromisso e opção de viver em sua integridade o **radicalismo do evangelho**, se concretiza numa vida comunitária e na fidelidade aos votos de pobreza, castidade e obediência.

A perspectiva carismática do **já é e ainda não** situa o ser religioso. Ele é aquele que vive os valores do Evangelho, **hoje** no seu meio de atuação, testemunhando o **além**, onde todo o Povo de Deus se encontrará na Parusia.

A multiplicidade das Congregações, dos Institutos na Igreja é sinal de riqueza que não confunde uniformidade com unidade. Seria empobrecimento, a idéia de reduzir todas as congregações a um tipo **standard** que, às vezes, pode surgir nas Pequenas Comunidades, através dos muitos contatos com outras congregações, na mesma área de trabalho. Cada uma precisa ficar com o carisma de seu próprio Instituto. Foi num determinado Instituto que a pessoa se engajou um dia.

Qualquer que seja o carisma, porém, sempre se encontra manifestado: ● Numa comunidade de fé e de oração. ● Numa comunidade de vida e de trabalho.

Comunidade de oração

Engajar-se num Instituto é assumir, na totalidade, tanto sua essência como seus valores específicos. A pessoa consagrada, engajada em determinado Instituto, convive plenamente em todos os planos com suas irmãs. **Viver com** as alegrias, os fracassos, partilhar os questiona-

mentos, o vai-e-vém, as esperanças, as angústias, etc. Isto é muito diferente de comer juntos, dormir e ficar lado a lado.

A Pequena Comunidade, radicalizando os valores do Reino, quer testemunhar também, de modo eloquente e visível, a dimensão orante da própria Igreja. Para isto ela precisa ser uma comunidade que **reza sua missão**. Esta comunidade por ser uma forma nova de missão, deve ser também uma forma nova de oração.

As comunidades mais estruturadas das Congregações têm uma "forma de oração monástica," muito louvável dentro do contexto próprio, mas não condizente com o estilo de vida de uma pequena comunidade, em contato mais direto com a forma de viver e de rezar do povo simples.

As religiosas necessitam dos tempos fortes de oração, onde na **solidão** e no **silêncio** se consolide o modo novo de ser e de estar diante de Deus. O grupo que comunga na mesma fé e na mesma missão, experimenta a presença de alguém maior. Cada comunidade deve descobrir o ritmo dedicado à oração pessoal e comunitária.

A pessoa consagrada é aquela que se encontra pessoalmente com o Cristo, num contexto profundo, contemplativo, integrando-se dia-a-dia, àquele que é o eixo, a razão de ser de sua opção. Esta oração pessoal se enriquece com a oração comunitária.

A religiosa unida às suas irmãs acredita nos mesmos valores da vida religiosa e a sua opção é feita

em vista de uma causa na qual se acredita. Disso brota o valor do despojamento, da libertação pessoal e comunitária, da presença ativa, da esperança e do amor. A presença real do Cristo nas Pequenas Comunidades não se verifica somente na presença dos irmãos, mas no contato prolongado com a presença eucarística.

Aquele que é a razão do ser religioso deve ter lugar de prioridade nas Pequenas Comunidades. Segundo experiências apresentadas, a presença eucarística favorece a vida de oração e a vivência comunitária. É oportuno lembrar que o primeiro gesto dos Irmãozinhos de Foucauld, chegando num determinado lugar, é colocar o Santíssimo Sacramento num lugar de honra. A ação, qualquer que seja, se explica somente se for fecundada pela contemplação.

Comunidade missionária

A Igreja, por essência, é missionária. Só se entende a vida consagrada se estiver no cumprimento da missão confiada pela Igreja, seja qual for. Aqui se situa o cerne do apostolado. A pessoa consagrada não existe para si mesma, não existe só para a Congregação, mas para irradiar.

A Igreja local na qual ela está atuando com suas irmãs ficaria aberta à Igreja universal. Não deveria encontrar-se mais seitas, obras individuais, igrejinhas, porém, pessoas enviadas através da sua Igreja local a serviço da Igreja universal. Toda a dimensão testemunhal e eclesial, sinalização, decorre do aspecto enviado.

Testemunhar é proclamar, a partir duma vivência profunda do seu ser, quais são os verdadeiros valores. Testemunhar é interrogar o outro e levá-lo a descobrir estes mesmos valores. O anúncio da palavra, a catequese, a evangelização, devem ser a expressão externa de um acontecimento interior. "Só quem é experimentado no mistério pode ser constituído no ministério", diz São Paulo.

Prospectiva

Se a sociologia demonstra que estamos vivendo um momento histórico irreversível, muito rico e fecundo e para o qual encontramos fundamentos tão sólidos no cerne de nossa própria vocação de criaturas e mulheres consagradas, importa buscarmos viver a nossa vocação de modo a dar à Igreja, à nossa Congregação e ao mundo, a contribuição que esperam de nós pela vivência em plenitude de todas as nossas possibilidades.

Se toda comunidade existe por causa de Cristo, obviamente foi por causa de Cristo que uma Pequena Comunidade se inseriu também na Pastoral para prolongar a sua missão redentora. O aprofundamento da vida de fé, na oração e na contemplação, é indispensável.

Na fé e na oração sob várias formas, o religioso saberá admirar-se pela presença de Cristo no coração de todos os homens e saberá ler o evangelho escrito no coração do povo. Acostumar-se-á com as perseguições, de dentro e de fora e encontrará um elã missionário sempre renovado, capaz de uma ultrapassa-

gem constante das próprias limitações. Os fracassos também serão vistos como fazendo parte do mistério salvífico de Cristo.

A irradiação da paz e da alegria será a característica de quem está convicto de que vale a pena responder radicalmente às exigências do evangelho e está contente de continuar a obra de salvação do Cristo, certo de que o Espírito é o primeiro responsável por este empreendimento. É nesta alegria que o religioso testemunha sua realização pessoal, o que não significa ausência de sofrimento e de mortes. "Se o grão de trigo não morrer, não produzirá fruto."

Somente uma convicção radicada no mais profundo do ser, pode levar o religioso a fazer, ao longo da vida, a síntese do ser e do fazer, a integrar todos os acontecimentos na busca de uma unificação de vida, tentando assim atingir a maturidade de Cristo. Isto não se fará sem uma constante conversão pessoal.

O religioso unificado no seu ser, como pessoa humana e religiosa, é capaz de levar os demais cristãos a

realizar o seu projeto de vida numa opção radical de fé. Só as Pequenas Comunidades de Religiosas que encontraram o sentido de sua vida e de suas lutas, são capazes de viver a realidade comunitária como sinalização eficiente no seio da comunidade local. "O mundo há de crer que eu vim, se vos amardes."

É nesta mesma perspectiva que a Pequena Comunidade permanecerá integrada na sua Congregação, interessando-se por aprofundar os seus próprios carismas, procurando vivê-los, redescobri-los, comunicando suas descobertas aos outros membros da Congregação, num esforço de reconciliação, perdoadando as incompreensões e perdoadando a si mesmas também, possíveis mal entendidos.

Tudo faz parte do plano de Deus do mesmo modo que Israel saindo do Egito realizou o plano divino através de suas lutas, dificuldades e até de seus pecados. É pelo aprofundamento do ser religioso que a pessoa consagrada desempenha o essencial de sua missão na Igreja particular.

II. PREPARAÇÃO PASTORAL

Questionamento

1. Estará havendo para a formação de Pequenas Comunidades, escolha de religiosas com objetivos comuns: ela missionário e opção pessoal?

2. Na criação de Pequenas Comunidades há preparação adequada do grupo para a realidade local, o tipo de vida e de trabalho?

3. A ação evangelizadora das Pequenas Comunidades está sendo resposta conscientizadora ou estamos nos limitando a uma pastoral tradicional?

4. Quais os valores a serem levados em conta na formação de nossas religiosas que se destinam à pastoral direta, especialmente à pastoral missionária?

5. Quais as condições exigidas para que não haja dicotomia entre promoção humana e evangelização?

Fundamentação

A Pequena Comunidade não apareceu por acaso. Ela traz consigo uma longa história que explica seu aparecimento. Por outro lado, a preparação próxima de uma Pequena Comunidade deve levar em consideração os vários aspectos da realidade mundo, Igreja, vida religiosa. Tentaremos oferecer algumas pistas de reflexão sobre cada um desses pontos.

Mundo

O mundo que temos "diante dos olhos é o mundo dos homens e de toda a família humana, com a totalidade das coisas entre as quais vivo," GS 2. 20-22. É uma realidade bem diversa daquela realidade de poucos anos atrás. Tudo se transformou rapidamente, provocando sérios impactos sobre as estruturas e mentalidades; um mundo secularizado onde imperam a técnica e as leis de produção e consumo; um mundo repleto de contrastes visíveis e chocantes; dominação e serviço, pobreza e riqueza, injustiças contra a dignidade humana e

busca de promoção do homem, analfabetismo e esforço de educação das massas, destruição do homem e organismos que o promovem, egoísmos e privilégios contra uma planetarização; uma quebra de estruturas; uma busca de comunicação e de comunhão; predominância do sexo masculino e libertação e promoção da mulher; destruição e confusão de valores espirituais; ateísmo materialista e proliferação de movimentos religiosos; urbanização irreversível e êxodo rural.

Todos estes fenômenos e outros ainda incidem quase diretamente na vida do homem.

Igreja

De seu lado, a Igreja também transformou-se e continua transformando-se. Podemos constatar vários aspectos surgidos: Igreja Povo de Deus; comunidade e comunhão; Igreja a serviço, serva dos homens, voltada para os pobres e marginalizados; Igreja despojada de privilégios em busca de suas origens evangélicas e cristológicas; Igreja que se abre para tudo o que é bom, num sadio pluralismo; Igreja que se empenha pela justiça e salvação do homem concreto; Igreja que defende a verdade sem intransigência, sem dogmatizações e moralismos; Igreja que busca ser profética e missionária, anunciando com valentia a palavra do Senhor, sem menosprezar a riqueza dos sacramentos e a necessidade de uma instituição; Igreja mais consciente de ser Povo de Deus e não Instituição; Igreja que se descobre pobre, pecadora e peregrina.

Vida religiosa

Dentre as transformações operadas no mundo e não menos na Igreja, marcantes são as que vêm afetando a vida religiosa.

Após uma estagnação de séculos, os religiosos se perguntaram claramente o que eram. A partir desta preocupação, percebe-se por toda a parte um grande esforço e apreço pelo carisma e pela volta à instituição original da vida comunitária. Encara-se a vida religiosa, antes de tudo, como um serviço que faz parte da santidade do Povo de Deus. Descobre-se o aspecto eclesiológico da missão do religioso, com uma conseqüente inserção do religioso na realidade o despertar do elã missionário.

Neste contexto, os votos deixam de ser um mero instrumento de santificação pessoal, para assumirem a plenitude de seu valor antropológico e social. Há prevalência da dimensão profética sobre a institucional, com conseqüente busca de novas formas de concretização comunitária. Prevaloriza-se o aspecto missão, decorrente da consagração. Deus nos reservou para sermos enviados a nossos irmãos, como arautos e profetas, para anunciar e denunciar.

Por sua vez, a vida religiosa feminina está adquirindo traços mais próprios e definidos em decorrência da promoção da mulher. Isto está levando na pastoral a uma busca de equilíbrio entre a presença masculina e feminina na Igreja, cujas manifestações marcantes são as Pequenas Comunidades, na sua maioria compostas de mulheres.

Formação

A Pequena Comunidade, apesar de ser uma expressão diferente da forma tradicional de viver, realiza a tarefa e vive a vida do Instituto religioso. Este, por sua vez, assume-a quando busca as pessoas vocacionadas para este tipo de vida, dando-lhes apoio e estímulo, formação adequada, acompanha-lhes a experiência, concedendo-lhes uma suficiente autonomia. A respeito, **A Vida Religiosa na Igreja Particular**, CNBB, n.º 6.

Todos aqueles que se encaminham para os trabalhos nas Pequenas Comunidades deverão levar consigo uma bagagem intelectual, técnica e espiritual que os capacite a serem verdadeiros instrumentos da ação de Deus no crescimento e promoção da comunidade local. Supõe-se um nível básico de estudos. Muito ajudará também se as pessoas tiverem um grau de cultura mais desenvolvido. De qualquer forma, é mister que se preparem pelo estudo, nos elementos fundamentais da Sagrada Escritura e da Teologia, quer dogmática, quer moral e da Liturgia.

Acrescentem-se ainda noções gerais de sociologia, psicologia, pedagogia e **práxis** pastoral, ou seja, o conhecimento da realidade do povo e sua religiosidade, dos planos de pastoral e sua encarnação naquela realidade. Esta bagagem teórica irá sendo aprofundada e mesmo complementada no decorrer do tempo da ação e do engajamento pastoral, quer através da vivência do cotidiano, quer pela participação em cursos de atualização.

Ao lado desta preparação intelectual, as pessoas devem simultaneamente ir adquirindo e crescendo nas várias qualidades inerentes à sua missão, cujo progresso não se esgota nos limites do tempo de preparação propriamente dita, mas se estende pela vida afora.

Julgamos que as pessoas a se integrarem neste tipo de trabalho deverão ter alcançado certo grau de maturidade humana e afetiva, prática dos votos de castidade, obediência e pobreza; ter feito uma opção definitiva de vida religiosa; possuir um grande espírito de Igreja que as torne sensíveis à dimensão missionária da Igreja e à construção da unidade na diversidade de pessoas e de grupos, dentro das realidades locais, a cujo conhecimento devem estar profundamente abertas.

Formação do grupo

Além das pessoas, o grupo como tal precisa ser preparado para essa missão específica a fim de se realizar como comunidade de vida, de oração e de trabalho. Para isto haja:

a) Experiência de convivência do grupo entre si para conhecimento dos valores e limites de cada pessoa. b) Integração dos objetivos e aspirações pessoais. c) Complementariedade de tarefas no setor doméstico e apostólico. d) Sentido da partilha dos bens materiais do grupo; de corresponsabilidade, de vivência de uma autêntica amizade, vivência de oração e avaliações periódicas. e) Uma forte espiritualidade que dê sentido à vida consagrada, à missão

escolhida e seja fator de unificação interior.

Participação da Congregação

A Pequena Comunidade como parte de uma Congregação deverá manter seu relacionamento com a mesma e esta ter sensibilidade às aspirações pessoais do grupo. Para isso é necessário:

◆ Da parte da Congregação, empenho na capacitação humana e profissional de cada elemento; qualidade de presença-acompanhamento; presença-apoio; presença-orientação; presença-diálogo. Confiança que se expresse em respeito aos carismas do grupo, às iniciativas pastorais e às opções do grupo à luz do Evangelho.

◆ Da parte da Pequena Comunidade, confiança que se expresse em disponibilidade, compreensão das necessidades em vista da Congregação; honestidade de avaliações; comunicação em nível de Província e de Congregação; diálogo.

Participação da Igreja Particular

A Igreja Particular que acolher a Pequena Comunidade, precisa também oferecer condições favoráveis à realização deste grupo. Em vista disso:

— Supõe-se que o bispo seja uma pessoa conhecedora das realidades do mundo atual e da renovação da própria Igreja, bem como conhecedor da vida religiosa e aberto para as novas expressões desta mesma vida.

— Inicie-se um trabalho desta natureza somente nas dioceses e paróquias onde os pastores, não apenas o permitam, mas se disponham a assumi-lo em conjunto com os Superiores Maiores da respectiva

Congregação e os membros que integram o grupo.

— Em relação ao povo, que haja preparação prévia da comunidade local, mostrando-lhe o tipo de trabalho e o papel da Pequena Comunidade dentro desta realidade.

III. RELACIONAMENTO

Questionamento

1. Como situar a Pequena Comunidade no seu relacionamento com o bispo e a Igreja local?

2. Como situar a Pequena Comunidade no relacionamento com a sua Província?

3. Quais os fatores que ajudariam as religiosas a serem corresponsáveis com os respectivos vigários e não utilizadas pelos mesmos?

4. Relacionamento **clero/irmãs**: tapa-buracos ou corresponsabilidade? Prolongamento do padre ou engajados juntos no Plano de Salvação? Trabalho parcelado ou trabalho de conjunto?

5. Relacionamento **congregação/irmãs**: experiência individual ou pessoas consagradas enviadas a serviço da Igreja?

6. Relacionamento **clero/irmãs**: ta-serção significa plano assalariado? Profissionalização? Casa igual a de todo mundo? Responsabilidade de paróquia?

7. Até que ponto as Regionais da CNBB tomaram consciência da pastoral das Pequenas Comunidades engajadas neste trabalho em termos de Pastoral Orgânica e a CRB para nos ajudar em nossa vida religiosa?

8. As Pequenas Comunidades estão inseridas na Pastoral Orgânica de suas Igrejas Particulares?

Fundamentação

O plano salvífico nos apresenta Deus convocando todos os homens à unidade: comunhão com Deus e entre si. Com efeito “aprouve a Deus santificar e salvar os homens não singularmente sem nenhuma conexão uns com os outros, mas constitui-lo num povo, que o conhecesse” LG, n.º 9. Este plano de Deus tem sua expressão máxima em Cristo que “armando sua tenda entre nós” Jo 1, 14, assume toda a humanidade, para reunir em si todas as coisas, Ef 1, 10.

Concluindo sua missão, Cristo apresenta a unidade entre os homens como sinal de salvação. A unidade será, portanto, o meio pelo qual se reconhecerão os discípulos de Cristo, Jo 17, 20-23. A Igreja, comunidade de salvação, assume a missão de conduzir todos os homens a esta união. Realiza assim o plano de Deus na continuidade da missão de Cristo, guiada pelo seu Espírito.

O mundo dividido e secularizado, necessita cada vez mais de sinais e símbolos que lhe manifestem uma vocação primordial ontologi-

camente relacionada com os outros homens para chegar a comunhão com o Pai que nos salva em Jesus Cristo. Cada Igreja particular, porção do Povo de Deus, tendo à frente o bispo com seu presbitério e contando com os diferentes ministérios, está a serviço da unidade. Na Igreja, são sobretudo os religiosos que afirmam, por sua vivência comunitária, que o valor supremo da vida humana é comunhão com o Pai e dos homens entre si.

É, portanto, no testemunho da prioridade do amor de Deus e da crescente comunhão entre os membros e deles com a Hierarquia, com a própria Congregação e a comunidade cristã local que a Pequena Comunidade encontra o principal serviço a seus irmãos.

Descrição

Dificuldades encontradas. As Pequenas Comunidades constituem uma nova forma de explicitar a vida religiosa. Nesta nova forma de vida e neste novo tipo de trabalho que são as Pequenas Comunidades, as religiosas são desafiadas a um intenso relacionamento em diferentes níveis e em esferas diversas. Este relacionamento por fatores vários de mentalidade e de estruturas apresenta-se ora fraco, ora falho, ora promissor. E diante desta realidade as religiosas questionam:

◆ Em primeiro lugar com relação ao bispo. Ele é o princípio unitivo de toda a vida cristã e de toda a ação pastoral. Na atual estrutura da diocese o diálogo nem sempre é fácil, seja porque as preo-

cupações administrativas são demais absorventes, seja porque certas noções práticas atinentes à vida religiosa lhes escapam, seja porque falta à Pequena Comunidade amplitude de visão, conhecimento da pastoral ou do próprio plano de pastoral da diocese.

◆ Em relação à Congregação. A dificuldade pode ainda provir da própria Província religiosa. Sendo a Pequena Comunidade uma nova forma de vida, a Congregação se põe à margem e não assume as tarefas que as religiosas realizam também em nome dela. Disto podem ocorrer falhas, causando mal-entendidos, isolamento, frustrações. Ou ainda a Congregação impõe à Pequena Comunidade estruturas inadequadas. Ou a Pequena Comunidade não se dispõe a um diálogo sincero. Ou a incompreensão vem da parte dos membros que não optaram por esta forma de vida.

◆ Em relação ao Povo. Dificuldades nascem também no relacionamento com o Povo. São causadas por falta de tato, de sensibilidade, por demasiada pressa ou por falta de compreensão, de lado a lado.

◆ Finalmente há dificuldades que surgem no seio da própria Pequena Comunidade. As religiosas estavam habituadas a estrutura muito diferente. O grupo grande de pessoas lhes tornavam fácil a fuga e o individualismo. Agora vêem-se numa realidade muito diferente, num face-a-face que lhes pede muito maior disponibilidade, compreensão, acolhimento, perdão, reconciliação, entreaajuda.

Vivência do diálogo. Não há somente dificuldade no campo do relacionamento. Existe também uma busca sincera e um verdadeiro crescimento de comunhão, sobretudo da parte dos membros da Pequena Comunidade que conscientemente optaram por ela e lhe assumiram as conseqüências. Isto se verifica não apenas entre a Pequena Comunidade e as diferentes esferas, mas também com as diversas Congregações que numa mesma Igreja particular e por vários modos, contribuem para o bem do reino.

A Pequena Comunidade, na realização de seu projeto quer ser resposta ao apelo de Deus, quer se servir das pessoas como instrumento da presença do seu reino; resposta ao apelo de Deus que a convoca a uma nova maneira de viver a vida consagrada em comunhão mais concreta com os irmãos, movida:

- pela missão de servir;
- pela sensibilidade eclesial;
- pela expressão mais forte do espírito do próprio instituto;
- pela necessidade de um trabalho mais direto com o povo.

No propósito de ser uma presença da Igreja entre o Povo, a Pequena Comunidade faz seu o ser, o pensar e o sentir da Igreja, de forma global e globalizante. Esta comunhão se manifesta antes de mais nada para com a pessoa do bispo. Ela se expressa não apenas em atitudes, mas sobretudo na manifestação do apoio concreto, numa tentativa de união de objetivos e de ação, o que significa para a Pequena Comunidade que ela assume

o Plano de Pastoral da diocese e dele participa corresponsavelmente.

Ao lado do presbítero tem a Pequena Comunidade de Religiosas relevante papel a desempenhar. Talvez sejam as pessoas mais capacitadas para dar ao padre o apoio de que necessita. Apoio, colaboração, estímulo, encorajamento, compreensão, são algumas das atitudes que cada religiosa pode desempenhar amplamente, enquanto com ele realiza a tarefa da Igreja. Supõe formação suficiente e adequada para que as religiosas possam ser verdadeiras colaboradoras. Exige, também, equilíbrio para que haja respeito na amizade e relacionamento fraterno, reconhecimento mútuo do valor específico de cada um.

A Pequena Comunidade, por seu lado, se quer atenta e fiel ao carisma do Instituto. Interessa-se e participa da vida da própria família religiosa, informa-a de sua vivência e de suas realizações e dispõe-se a aceitar a crítica e a buscar, com o auxílio do Instituto e de seus membros, a vontade de Deus a respeito de si mesma, tendo em vista os apelos da realidade na qual vive.

Um dos pontos altos da expressão da vida comunitária é o momento em que a Pequena Comunidade se põe como tal, diante do Senhor. Não apenas quando recita em comum uma oração, seja o ofício, mas sobretudo quando tenta exprimir a própria vivência, com seus altos e baixos, sucessos e limitações, em forma de oração. Quando se deixa questionar e iluminar pela Palavra de Deus. Quando se apresenta diante de Deus,

não apenas com seu pequeno mundo, mas quando traz também as esperanças, as alegrias, as apreensões e os anseios de todos os homens.

Nas refeições tomadas quanto possível em comum, as horas de lazer, aparentemente inúteis, são momentos fortes em que se desfazem as tensões, serenam os ânimos, se aprofunda o conhecimento mútuo, se unem os corações fortalecendo as amizades. Sendo a Eucaristia fonte e culminância do caráter unitivo da Igreja, a presença eucarística se torna para a Pequena Comunidade centro de união, de coesão e de eficiência pastoral.

A Pequena Comunidade, no aprofundamento e na purificação da comunhão, aceita também o doloroso

processo de libertação pessoal de seus membros. Aceita e ultrapassa, em espírito de perdão e reconciliação, o afrontamento, possibilitando o completo desabrochar da pessoa.

A comunhão se manifesta no mútuo assumir das pessoas entre si e das tarefas, numa atitude fraterna de corresponsabilidade.

Um dos objetivos da Pequena Comunidade é o de inserir-se, ao máximo, na comunidade local. Sem querer igualar-se ao povo, criar uma sensibilidade tal que lhe permita integrar-se nele, sentir-lhe os anseios, as esperanças e as necessidades. Partir com ele na busca de soluções adequadas, de libertação, de crescimento, procurando discernir os caminhos à luz da oração e da Pala-

sovra de Deus.

IV. EXPERIÊNCIA FEMININA NA PASTORAL

1. Descobrimos as nossas capacidades que podem enriquecer o trabalho pastoral, nossa feminilidade ou a tendência de sermos iguais aos homens?

2. Como encarar equipes de Irmãs com Padres, equipe de trabalho, de vivência, de oração?

Ao situar a Pequena Comunidade de religiosas defrontamo-nos com a realidade de Mulher. Tem algum significado o ser feminino no engajamento pastoral? Ou a mulher na pastoral é simplesmente suplência do homem, substituição do vigário?

Nas Pequenas Comunidades de religiosas, as mulheres se percebem

como alguém que tem valores próprios de sua feminilidade de modo a contribuir para que o homem, até então único ministro na Igreja, possa descobrir a sua identidade própria no ministério. Neste novo estilo de vida, a mulher se experimenta como alguém que possui características peculiares, em especial, capacidade de acolhida, de escuta, de aproximação, de intuição, de intimidade, de crítica.

A vivência dos votos para a mulher consagrada é mais expressiva e sinalizadora pela inserção no meio do povo, sem privilégios, mas dispondo-se continuamente à luta pela sobrevivência, aos precários meios

de alimentação, saúde, transportes; aos problemas locais de condicionamentos sociológicos e econômicos.

O complexo destas situações, questionando-se profundamente, através de crises e tensões, contribui para seu amadurecimento e exige dela redimensionar pessoal e comunitariamente sua consagração pelos votos e pela fraternidade. Nas Pequenas Comunidades em paróquia, a religiosa realiza, de fato, funções que até há pouco eram reservadas aos presbíteros e diáconos, embora nem sempre este ministério seja oficialmente reconhecido pela hierarquia.

A Pequena Comunidade não sendo um fim em si mesma, mas sinal e serviço na Igreja Particular, através da vivência de sua consagração, ela sinaliza a Igreja serva, pobre e peregrinante. Pelo seu serviço peculiar colabora com os pastores na tríplice missão da Igreja: profética, sacerdotal e régia.

Fundamentação

Bíblica. O fato novo da adoção dos ministérios diversificados no seio da Igreja trouxe a presença e a participação da mulher e de modo especial da mulher consagrada, como agente direto de pastoral na construção do reino de Deus. O homem e a mulher foram criados em igualdade por Deus e a ambos, conjuntamente, foi entregue o domínio da criação, Gên 26, 30.

Este mesmo princípio dinâmico de corresponsabilidade e complementariedade vem formulado por Paulo quando escreve aos gálatas:

“Todos os que em Cristo foram batizados revestiram-se de Cristo. Já não há judeu nem grego, escravo ou livre, homem ou mulher, porque todos somos um em Cristo Jesus” Gál 3, 27-28. “Quando veio a plenitude dos tempos, enviou seu Filho que nasceu de uma mulher e a associou à obra salvífica da redenção, remir os que estavam sob a lei para que recebêssemos a sua adoção” Gál 4, 4.

Magistério. A participação decisiva da mulher na pastoral é fato reconhecido pelo Magistério da Igreja. “Que as mulheres católicas alimentem com alegria o sentimento de pertencerem até o mais profundo de seu ser ao corpo da Igreja, como pessoas livres e responsáveis e, por sua parte, assegurem às tarefas que lhe são reservadas e que contribuam para o crescimento da Igreja e para sua expansão” Pio XII, **Apostolado da Mulher Católica**, 30.9.1957.

João XXIII aponta como um dos três principais sinais dos tempos a promoção da mulher, **Pacem in Terris**, n.º 41. O Concílio reafirma “a grande importância da mulher na sua participação mais ampla nos vários campos do apostolado da Igreja” GS, 9, 60. Cabe ressaltar mais recentemente a alocução **Marialis Cultus** de Paulo VI que apresenta Maria como protótipo da mulher atual:

“Maria de Nazaré, longe de ser uma mulher passivamente submissa e de religiosidade alienante, foi uma mulher que não duvidou de afirmar que Deus é vingador dos

humildes e oprimidos e que derruba os poderosos de seus tronos. Maria é a mulher forte que conheceu de perto a pobreza e o sofrimento, a fuga e o exílio, situações estas que não podem escapar à atenção de quem quiser secundar, com espírito evangélico, as energias libertadoras do homem e da sociedade.”

No Plano de Emergência, primeiro esforço de Pastoral de Conjunto do Episcopado Nacional, 1962, os bispos enfatizam que não querem mais considerar os sacerdotes, os religiosos, religiosas e leigos como meros executores de suas ordens, mas companheiros de equipe no processo de planejamento pastoral.

No último documento da Conferência Episcopal Regional, Sul I — CNBB, sobre a “Vida Religiosa na Igreja Particular”, 1974, os bispos solicitam mais uma vez “que haja participação dos religiosos e das religiosas nos diversos níveis e etapas do processo de planejamento e de ação pastoral orgânica, com atenção às prioridades pastorais de cada Igreja particular.”

Prospectiva

Cada vez mais a comunidade eclesial, povo e hierarquia, reclama e valoriza em seu meio, a presença da mulher consagrada, isto é, das Irmãs.

Para se tratar de uma nova expressão da missão da vida religiosa feminina, na Igreja local, parecem necessários alguns critérios especiais, para que realmente esta comunidade seja uma presença que desperte no Povo de Deus, os va-

lores existentes e contribua realmente para anunciar o evangelho. Para a constituição da Pequena Comunidade, recomenda-se:

- Que as religiosas sejam pessoas de maturidade e vocacionadas para esta forma de missão.
- Que o grupo seja capacitado humano-teológico-pastoralmente.
- Que a coordenadora do grupo seja fator de coesão do mesmo, tanto na convivência como na missão.
- Que a Congregação reconheça e assuma esta nova forma de inserção, como uma expressão de pluralismo da missão da própria congregação.
- Que esta forma de inserção atenda às necessidades prioritárias da Igreja Particular, numa visão de conjunto e que a Pequena Comunidade reconheça e participe do Plano de Pastoral de Conjunto.

A Pequena Comunidade para realizar esta missão deve:

- Conhecer a realidade local: levantamento sócio-econômico-religioso-cultural.
- A partir deste conhecimento perceber o nível de fé, respeitando o modo de o povo expressar sua fé: religiosidade popular.
- Levar o anúncio dos valores do reino e, conhecendo os valores existentes procurar manter-se fiel: ao homem, à história, à palavra, isto é, aos acontecimentos.

Esta comunidade desempenhando a missão profética que a Igreja Particular lhe confiou e exercendo seu ministério feminino, unifica sua própria vida procurando ser fermento de renovação para todos, especialmente pelo testemunho de uma comunidade orante que leva o povo à oração.

V. MANUTENÇÃO

Questionamento

1. As Pequenas Comunidades têm dificuldades para se manter por falta de recursos? Por falta de mentalização? Por falta de valorização?

2. O testemunho de pobreza está ligado à necessidade de prover por si mesma a sua manutenção ou o operário tem direito ao seu salário?

3. Como conciliar a necessidade de manutenção com a dimensão de disponibilidade e de confiança na Providência?

4. Como desenvolver o sentido de gratuidade face à manutenção numa sociedade de consumo?

Descrição

As irmãs que estão engajadas diretamente na Pastoral foram chamadas pelo bispo ou se ofereceram espontaneamente para evangelizar desejando: ser um fermento evangélico na comunidade; viver uma disponibilidade evangélica; solidarizar-se com o povo mais simples por uma inserção real na sua vida; contestar os sistemas de valores dominantes pela vivência de uma pobreza evangélica; aprender a receber e a dar, desenvolvendo os valores do povo.

Após o levantamento da realidade e a reflexão nos grupos de estudo, chegou-se à conclusão de que a problemática da manutenção das Pequenas Comunidades se apresenta bastante diversificada em seus aspectos positivos e negativos.

Aspectos da realidade

1. Existem comunidades novas que se empenham em garantir a própria subsistência. 2. Existem comunidades que assumem a sua própria subsistência através de um trabalho assalariado para o qual, muitas vezes, não estão capacitadas. 3. Existem comunidades vivendo do salário mínimo da região, complementado pela diocese ou paróquia. 4. Verifica-se a falta de recursos em algumas dioceses e em outras uma problemática na ampliação dos mesmos. 5. Verifica-se que às vezes "quem pode mais recebe mais", isto é, dioceses com maiores disponibilidades econômicas recebem mais religiosas. 6. Verifica-se a existência de comunidades cuja subsistência depende, em grande parte, de favores por parte da congregação, da diocese, do povo. 7. Existem irmãs que dependem da ajuda estrangeira e não se questionam e há outras que se questionam pela mesma razão. 8. Constatam-se experiências em que as religiosas são tapa-buracos prestando serviços baratos. 9. Às vezes o salário das irmãs não corresponde às horas dedicadas ao serviço nem atendem às leis sociais. 10. Há queixas de que algumas religiosas são consideradas como elemento válido na diocese, mas não se pensa na sua manutenção.

Diocese e comunidade religiosa

Há experiências de comunidades que têm a subsistência assegurada

pelo bispo que as chamou para o trabalho pastoral na diocese. Há experiências de contratos feitos, por escrito e com realismo, entre a autoridade diocesana e a congregação. Existem experiências de Pequenas Comunidades em que a diocese dá parte do salário e o Instituto ou Congregação supre o que falta.

Comunidade local e comunidade religiosa

Vê-se a possibilidade de o povo prover a manutenção das Irmãs se tiver condições. Algumas irmãs afirmam que uma comunidade que confia na Providência recebe a manutenção do povo.

Manutenção no trabalho de evangelização

Depende da situação local e do carisma. Poderíamos distinguir três casos.

1. A comunidade trabalha profissionalmente em tempo integral. A evangelização se dá pela presença. Este seria o modo mais eficaz de evangelizar em algumas circunstâncias, pois que vivendo do próprio trabalho, haveria uma inserção mais total no povo e através do testemunho o questionaria. Neste caso a comunidade se mantém e pode até ajudar outras comunidades mais desprovidas de recursos.

2. A comunidade tem um trabalho profissional e de evangelização explícito. Alguns de seus membros trabalham em tempo integral e outros na evangelização. Todos dedi-

cam uma parte de seu tempo ao trabalho e outro à evangelização. Neste caso a comunidade normalmente se mantém pelo próprio trabalho. Se isto não for possível, será auxiliada por outras formas.

Com isto se consegue: fermentar evangelicamente o lugar do trabalho; confiar na providência: "olhai os lírios do campo"; ganhar o pão; partilhar com outras comunidades o que sobra.

3. A comunidade se dedica totalmente à evangelização explícita. Neste caso evangelizar é um ministério, isto é, um serviço, um trabalho. "O operário merece o seu salário." Este salário, idealmente, deverá ser dado pela comunidade à qual é prestado o serviço na forma do dízimo, ou então, por parte da diocese. É justo que as irmãs recebam a remuneração de seu trabalho qualificado por parte daqueles que as empregam.

Prospectiva

Diocese e Pequena Comunidade. No planejamento da diocese será prevista a manutenção das Pequenas Comunidades diretamente engajadas na Pastoral. No caso de a diocese dispor de recursos suficientes, quando a comunidade local não estiver em condições de prover as necessidades da comunidade religiosa, poderá ser feito contrato reajustável de trabalho que assegure não só a subsistência, como também o amparo das leis trabalhistas em previsão do futuro. Não dispondo de recursos suficientes, a diocese concorrerá com uma parte, enquanto que poderá ser prevista a comple-

mentação por outras fontes, Congregação, auxílio de paróquias-irmãs, campanha da fraternidade.

Comunidade religiosa e comunidade local. Levar a comunidade local a assumir a manutenção dos que trabalham em tempo integral para o povo. Isto se fará através de mentalização do povo e dízimo, quando o povo tem condições.

Problemática da profissionalização

Existe uma tensão entre profissionalização e presença pastoral. Nota-se que na profissionalização, falta o devido preparo técnico e o devido conhecimento dos direitos e deveres inerentes ao trabalho assumido. O trabalho pastoral não remunerado obriga a comunidade a sustentar-se pelo serviço profissional. Nestes casos, um dos campos da pastoral da irmã é o mundo profissional em que ela vive. Devemos lembrar que o mundo precisa de testemunhos anônimos.

Há experiências válidas de comunidades que assumem o trabalho

profissional de meio período para maiores possibilidades comunitárias e apostólicas. Questiona-se até que ponto a profissão escolhida criteriosamente faz parte da pastoral. Para que a profissionalização atenda às finalidades das pessoas engajadas na pastoral, é importante analisar o seu sentido, valor e formas concretas, à luz da missão, em cada realidade.

Sentido e valor: participação na vida e na luta dos "mais pobres e abandonados" o que torna mais humildes e solidários com eles. Esta solidariedade com o povo que trabalha elimina privilégios. É sinal de uma Igreja que é solidária com os homens no mundo de hoje.

Tipo de trabalho: que seja adaptado ao carisma do religioso e do Instituto.

Tempo de trabalho: integral e não integral, mas sempre de tal forma que não absorva a pessoa, de modo a transformar-se em verdadeiro ativismo. Capacitação profissional por parte das pessoas que assumem o trabalho.

PROPOSTAS

Estas Propostas que apresentamos a seguir já foram também publicadas em Convergência, novembro/74, às páginas 1163-1166. Repetindo-as aqui temos em mente englobar, numa só edição, as elaborações mais recentes relativas às Pequenas Comunidades.

I — Propostas às Pequenas Comunidades

1. Que as Pequenas Comunidades se questionem sobre o seu sentido último, e que possam estruturar sua vida dentro da espontaneidade criativa, fiéis ao carisma dos seus respectivos Institutos Religiosos.

2. Que as Pequenas Comunidades realizem encontros nos quais:

- Criem a comunhão entre os membros, na oração e na vivência eucarística.
- Busquem comunitariamente a vontade de Deus.
- Planejem e revisem a vida comunitária e os trabalhos apostólicos, descobrindo os valores de cada um.
- Avaliem os objetivos assumidos por todos e se enriqueçam com a troca de experiências.

3. Os membros das Pequenas Comunidades, embora trabalhando em diferentes campos, assumam todos o trabalho de cada um, como se fosse o próprio.

4. Que as Pequenas Comunidades, como grupo — e não apenas a pessoa da religiosa — aceitem, assumam e se responsabilizem pelos trabalhos a realizar, integradas com os leigos, (fazer os outros fazerem).

5. Que sobre as Pequenas Comunidades haja avaliações periódicas de âmbito interprovincial e intercongregacional.

6. Que o grupo da Pequena Comunidade tome a sério o contrato firmado entre a Diocese e o Instituto Religioso.

7. Que as Pequenas Comunidades de uma mesma região ou Diocese promovam encontros intercongregacionais planejados que propiciem um aprofundamento espiritual adaptado ao gênero de vida, uma troca estimulante de experiências, uma reflexão pastoral atualizada.

II — Proposta aos superiores

(A reflexão foi feita tanto para Religiosas como para Religiosos não presbíteros).

1. Estejam atentos aos apelos missionários das Igrejas Particulares.

2. Estejam atentos às manifestações do Espírito em seus irmãos, ajudando-os no processo de discernimento.

3. Respeitando o carisma de seu Instituto, acolham os anseios de seus irmãos, para viver no meio do povo de Deus como presença atuante da Igreja.

4. Comprometam-se seriamente com a preparação de seus irmãos para esse novo trabalho, jamais improvisando as pessoas para isso.

5. A formação para a vida religiosa comporte um estágio em Pequenas Comunidades, sempre que possível.

6. O aspecto missionário, traço constitutivo de SER RELIGIOSO, sob o aspecto da universalidade, pobreza e disponibilidade abraâmica, seja mais cultivado na formação dos religiosos.

7. Os elementos da Pequena Comunidade tenham a capacidade de assumir, com maturidade, os riscos que lhe advierem.

8. O SER do religioso seja mais enfocado que o FAZER. Que as pessoas não sejam manipuladas em função das obras, sobretudo nas transferências.

9. Quanto possível, haja a conveniente continuidade dos integrantes da Pequena Comunidade.

10. (Cf. A Vida Religiosa na Igreja Particular, Sul I/CNBB n.º 3). "Que os diversos Institutos Religiosos tornem mais conhecidos dos Pastores respectivos, suas constituições e documentos fundamentais."

11. Cada Província ou Instituto Religioso, por seu Superior ou animador de Pastoral, continuamente incentive a integração das Pequenas Comunidades na Pastoral Orgânica da Igreja Particular.

12. Inicie-se um trabalho de avaliações periódicas de âmbito interprovincial e intercongregacional, não somente nas Dioceses e Paróquias onde os pastores o permitam e se dispõem a assumi-lo de acordo com o Instituto Religioso e as pessoas, mas também onde por essa avaliação, apesar de não ser ela explicitamente desejada, a Pequena Comunidade tenha possibilidade de provocar uma abertura, tanto na Paróquia, como na Diocese.

III — Propostas aos Bispos

1. As Pequenas Comunidades — que são de um certo modo, um fato novo na Vida Religiosa — solicitam aos senhores Bispos que as assumam, não apenas como um grupo que vai resolver as "urgências pastorais" da Diocese, mas como parte integrante do mistério da santidade da Igreja e como testemunho da índole escatológica da própria Igreja, pois esforçam-se para viver a ra-

dicalidade dos valores do Reino no meio do Povo.

2. A Igreja local veja as Religiosas não apenas como funcionárias ou mero instrumento, mas as considere no seu próprio SER RELIGIOSO, como um dado apostólico. Os Bispos reconheçam e respeitem as características carismáticas de cada Instituto.

3. A comunidade local seja previamente preparada, tendo em vista o tipo de trabalho e o papel da Pequena Comunidade dentro dessa realidade.

4. A Igreja Particular, em sua Pastoral Orgânica, procure integrar as Irmãs das Pequenas Comunidades trabalhando em educação, saúde, promoção humana e outros campos de pastoral ambiental. (Cf. A Vida Religiosa na Igreja Particular, Sul I/CNBB, n.º 11).

5. Haja assistência diocesana através de presbíteros e que se promovam retiros mensais e encontros também com outras equipes pastorais.

IV — Propostas aos Bispos e aos superiores

1. Haja consultas mútuas entre Bispos, Superiores e Religiosos, tanto no caso de se confiar a estes, na Igreja Particular, cargos e responsabilidades, como nas transferências, (Cf. O.C., n.º 15).

2. Promovam-se encontros periódicos entre Pastores, Superiores, Presbíteros e Pequenas Comunida-

des, para mútua informação, comunicação, busca comum, vivência apostólica e relacionamento fraterno.

3. Numa linha de simplicidade se incentivem contactos entre Bispos, Superiores e as Pequenas Comunidades, para uma avaliação das diversas etapas do mútuo desempenho no serviço do Povo de Deus, (Cf O.C., n.º 18).

4. Todos (Bispos, presbíteros, Religiosas e leigos) se empenhem no estudo da Vida Religiosa, seu sentido, sua missão na Igreja de hoje, juntamente com o estudo da teologia da Igreja Particular, (Cf. O.C., n.º 1).

V — Propostas à CRB e à CNBB

1. Os resultados deste Encontro sejam enviados aos Superiores Maiores, aos Bispos e aos participantes do mesmo encontro para tomada de conhecimento, continuidade da reflexão e sua futura dinamização.

2. Para a continuidade do Encontro, pense-se na possibilidade de outros, em esferas regionais ou inter-regionais e também nacional.

3. Encontros em âmbito nacional sejam realizados em lugares diferentes, consideradas as possibilidades e assegurada a presença da Equipe da CRB Nacional e sua possibilidade financeira.

4. A CRB e a CNBB, à semelhança do que se faz em São Paulo, motivem e esclareçam os Institutos Religiosos, em âmbito regional e nacional, a respeito do engajamento

pastoral e manifestem aos religiosos os desejos e as necessidades da Igreja local ou particular.

VI — Aos teólogos

As Pequenas Comunidades pediram o aprofundamento dos seguintes pontos:

1. Repensem a realidade da vida consagrada a partir, não de esquemas já elaborados, mas das experiências da base (Pequenas Comunidades, Institutos Seculares, Virgens Consagradas na Diocese), mas focalizando a Identidade do **SER RELIGIOSO**.

2. Até que ponto são as Pequenas Comunidades nova forma de Vida Religiosa? O **SER CONSAGRADO** é o mesmo em toda a parte? Não há algo comum em toda forma de Vida Religiosa?

3. Faça-se um estudo sobre a dimensão da Eucaristia, na Vida Religiosa e na Igreja Particular: sua amplitude e sua essencialidade. A presença eucarística é o mesmo que presença sacramental? Viver a presença eucarística é o mesmo que ter o Santíssimo Sacramento em casa?

4. Sendo as Pequenas Comunidades um fato, de certo modo, novo no seio da Igreja e da Vida Religiosa, refletir a partir das experiências já vivenciadas, sobre as possíveis implicações e conseqüências deste fato, para a Igreja e a Vida Religiosa.

5. Faça-se um estudo do verdadeiro sentido do trabalho profissional e da partilha dos frutos deste trabalho pelos Religiosos(as).

PEQUENAS COMUNIDADES

Anotações sobre um Encontro

PE. ALVARO BARREIRO, SJ

De 14 a 18 de setembro, realizou-se no Alto da Boa Vista, Rio de Janeiro, um Encontro de reflexão sobre Pequenas Comunidades de Religiosas diretamente empenhadas na pastoral sob a coordenação do Bispo local. Participaram do Encontro 14 Irmãs representantes das Regionais, 10 convidados, 6 Superiores Maiores, 2 Bispos (Dom Davi Picão e Dom Valfredo Tepe), 2 representantes da linha I da CNBB e 5 membros da Equipe central da CRB.

Julgamos que as experiências que estão realizando as Pequenas Comunidades de Religiosas engajadas na pastoral têm uma importância que ultrapassa o âmbito das Igrejas locais nas quais elas estão inseridas. Uma reflexão mais aprofundada sobre a experiência em curso enriqueceria sem dúvida a teologia da missão, de uma espiritualidade apostólica tal como ela deve ser

vivida particularmente na América Latina, e seria não menos fecunda para a teologia, a espiritualidade e a missão da Vida Religiosa de caráter apostólico.

As reflexões que se seguem vão nesta linha. Não pretendem, porém, estudar as experiências em curso em toda sua riqueza, potencialidade e complexidade. Trata-se simplesmente de algumas reflexões em forma de anotações à temática do referido Encontro. O roteiro enviado aos participantes constava de 23 perguntas agrupadas em torno dos três itens seguintes: 1.º) A Pequena Comunidade comprometida na ação pastoral. 2.º) A Pequena Comunidade e o povo. 3.º) A Pequena Comunidade na sua vivência religiosa. Sobre cada uma dessas perguntas (das quais surgiram 87 questionamentos que foram estudados durante o Encontro) poder-se-ia escrever um artigo.

As anotações e reflexões aqui apresentadas de maneira bastante livre e muito fragmentária não pretendem ir sistematicamente até o fundo da problemática da evangelização existente no caso. Tentam apenas iluminar e fundamentar alguns aspectos do ministério da evangelização que essas comunidades de Irmãs se esforçam por exercer vivendo a sua consagração no meio do povo a serviço da Igreja (1). Se de algum modo conseguirmos confirmar e aprofundar a opção, feita pelas Irmãs, de consagrar-se inteiramente ao serviço do Evangelho entre os pobres, que é o serviço mais radical e mais eficaz que se pode prestar à verdade e à libertação dos homens, estas páginas terão alcançado o seu objetivo (2).

Antes de passar à descrição da experiência e à sua fundamentação teológica, convém fazer notar que o conceito de evangelização é usado aqui em sentido amplo. Em primeiro lugar, quanto aos destinatários, entendemos por evangelização o anúncio da Boa Nova, não só àqueles que não a ouviram, mas também a todos aqueles que ainda não descobriram a sua novidade e que, por isso mesmo, não se converteram a Jesus Cristo por uma adesão pessoal nem vivem a dimensão eclesial da fé, embora tenham sido batizados. Em segundo lugar, quanto à forma, o ministério da evangelização realiza-se, não só pelo anúncio, mas também pelo testemunho de uma vida segundo o Evangelho. Isto é particularmente importante no nosso caso. As fraternidades re-

ligiosas representadas no Encontro exercem efetivamente diversas formas de diaconia carismática e de presença evangélica, buscando, através de todas elas, levar os homens, no meio dos quais vivem, a descobrir a novidade do Evangelho, a "converter-se" (no sentido forte do termo bíblico) a ele e a engajar-se na libertação dos irmãos como exigência necessária da fé em Jesus Cristo (3).

1. O fato e algumas de suas características

As Pequenas Comunidades de Religiosas diretamente empenhadas na pastoral sob a coordenação imediata do Bispo constituem um **fenômeno eclesial novo**. Surgido no Brasil faz dez anos, está hoje largamente difundido no país. Trata-se ainda de uma experiência, de uma busca que, por sua própria natureza, só poderá se firmar e definir progressivamente, na sua realização.

Para uma primeira **caracterização**, ainda bastante exterior, da experiência em curso daremos algumas indicações sobre o **número** das Pequenas Comunidades, o **meio** em que elas se situam e os **tipos de trabalho** que exercem.

a) O **número** varia notavelmente de Regional para Regional, tanto em cifras absolutas como relativas (4). Enquanto no Norte II é só de 3% a porcentagem de religiosos engajados na pastoral direta com o povo, em São Luís (Nordeste I) as "Pequenas Comunidades" são coisa comum, natural nesta re-

gião". No Ceará há 55 Pequenas Comunidades (5). A Arquidiocese da Guanabara (Leste I) conta atualmente com 9 comunidades de Irmãs encarregadas de paróquias na zona suburbana; no Vicariato de Itabira (Leste II) há 10 Pequenas Comunidades "em cidades e roças, às vezes bem distantes". Em Santos (Sul I) o "espírito missionário está em pleno desenvolvimento entre as religiosas...; elas trabalham diretamente na pastoral em 22 locais da diocese". Em Curitiba (Sul II) há 7 Pequenas Comunidades e várias outras espalhadas pelo interior do estado.

b) O meio em que se estabelecem as Pequenas Comunidades é quase sempre o das classes populares, pobres ou marginalizadas. Das 166 respostas dadas pelas Províncias femininas ao questionário sobre as "Novas Formas de Vida Religiosa", enviado aos Superiores Maiores do Brasil para a preparação da X Assembléia Geral da CRB conclui-se o seguinte quadro:

Periferia	50
Meio rural	42
Missões	32
Meio urbano	24
Complexos industriais	4 (6).

c) Quanto aos tipos de trabalho exercidos pelas Pequenas Comunidades podemos colher de novo alguns dados de caráter global nas respostas dadas pelas Províncias femininas ao questionário acima mencionado:

Pastoral de conjunto	67
Promoção humana	49

Catequese diversificada	47
Comunidades Ecl. de Base	30
Funcionárias estatais	20
Movimentos de jovens	20
Pastoral familiar	12

A tendência dominante das Pequenas Comunidades aqui focalizadas é o abandono de um trabalho estruturado dentro de instituições da própria Congregação, que são por natureza pesadas e pouco flexíveis, (o que não quer dizer que não sejam convenientes e até necessárias em certos casos), e a inserção num meio mais pobre para ser nele uma presença evangélica mais legível.

As formas concretas da diaconia pluricarismática exercida pelas Pequenas Comunidades são o resultado da conjugação variada de três fatores fundamentais: 1º) Carisma fundacional da Congregação. 2º) Meio no qual se insere a Pequena Comunidade. 3º) Tipo de ação pastoral ou de presença evangélica pelo qual a comunidade opta ou à qual é convidada. De fato, as formas de serviço em que se expressa a mesma opção evangélica fundamental são os mais variados. Para alguns requer-se capacitação profissional: magistério nas escolas estaduais ou municipais, assistência social, medicina e enfermagem, profissionalização de menores marginalizados, trabalho em fábricas, etc. (7).

Para outros que visam diretamente a promoção humana em regiões, lugares ou ambientes mais necessitados, não se requer necessariamente uma preparação profis-

sional especializada: trabalho de promoção com os migrantes, camponeses, domésticos, favelados, menores delinquentes, prostitutas, alcoólicos, etc. O mesmo vale para diversos trabalhos de caráter especificamente pastoral: catequese de crianças, grupos de aprofundamento de jovens, animação e formação de dirigentes adultos das Comunidades Eclesiais de Base, reconstrução de lares, visitas às famílias da paróquia, às pessoas doentes ou idosas, apostolado em velórios, etc.

2. Uma mesma finalidade sob muitas formas: Evangelizar

Todas as Pequenas Comunidades de Irmãs que foram chamadas pelo Bispo ou se ofereceram a ele para prestar um serviço pastoral ou para ser uma presença evangélica na Igreja local, são "comunidades missionárias". A mesma finalidade de serviço ao mesmo Evangelho, crido e vivido como a Boa Nova de salvação, de libertação, de reconciliação, é expressa nos documentos do Encontro com formulações muito variadas: viver entre o povo levando um estilo de vida simples, ganhar a vida vivendo e trabalhando

com o povo e como o povo, habitando numa casa igual a dos outros moradores do bairro; ajudar os habitantes da vila a descobrir sua dignidade e seus valores e lutar por sua promoção, tentar suscitar lideranças leigas que assumam as tarefas de edificação da comunidade; viver a fraternidade e suscitar a comunhão entre pessoas e grupos; integrar-se no programa de evangelização da diocese, assumir a direção da paróquia, animação pastoral das Comunidades Eclesiais de Base, etc.

Às vezes é apresentada uma motivação mais profunda e original da opção feita: a redescoberta da própria identidade do "ser" religioso ou, mais particularmente, a redescoberta do próprio carisma de "servir aos pobres na Igreja"; uma nova visão da Igreja particular e da dimensão eclesial da Vida Religiosa a ser realizada nela; a procura de novas formas de Vida Religiosa vivida em Pequenas Comunidades comprometidas com a libertação do povo.

Dos depoimentos de 22 comunidades, entre 10 e 2 anos de existência resulta o seguinte quadro sintético de **objetivos iniciais** (8):

Inserção, presença de amizade, área prioritária, solidariedade com o povo	37%
Serviço paroquial, ajuda ao vigário, substituição do padre	17%
Pastoral de conjunto, resposta ao apelo do Bispo	14%
Vida religiosa renovada, vida fraterna	14%
Outros: obra social, profissionalização, etc.	12%
Inserção dando prioridade à oração	6%

Na exposição de **uma** experiência afirma-se que “a opção não foi feita por qualquer motivo externo nem por desejo de ‘promoção’ (das Irmãs), mas por espírito missionário”. Foi feita uma “opção consciente e livre” para tentar viver: **1.º)** “Uma vida de inserção no povo”. **2.º)** “Uma vida de desinstalação contínua”. **3.º)** “Uma vida de insegurança”(9).

Subjacente a toda esta variedade de inserção e de serviços há uma mesma fundamental motivação evangélica, eclesial e missionária. A finalidade primeira e última das comunidades é viver mais radicalmente o Evangelho e anunciá-lo aos homens que ainda não o conhecem, testemunhá-lo e encarná-lo nas situações concretas das comunidades locais, aprofundá-lo e celebrá-lo na comunidade dos já convertidos.

Tendo optado por viver os “conselhos evangélicos” no meio dos pobres e em solidariedade com eles, as Pequenas Comunidades de religiosas estão chamadas a ser um fermento evangélico na multidão de homens amassados no sofrimento, uma luz que faça brilhar a alegria da dignidade e da liberdade, da filiação divina e da fraternidade humana nos rostos ora intoleravelmente desfigurados dos homens oprimidos.

1. Evangelização e credibilidade

“A Igreja é missionária por sua própria natureza” (AG 2,2; cf também 36). Anunciar o Evangelho não é só missão de alguns escolhi-

dos, mas de todo o povo de Deus. O Evangelho tem que ser anunciado a todos os homens.

“A Igreja cumpre sua missão quando em ato pleno se fez presente a todos os homens ou povos, a fim de levá-los à fé, à liberdade e à paz de Cristo, pelo exemplo de vida, pela pregação, pelos sacramentos e demais meios de graça. E assim se lhes abre um caminho desimpedido e seguro à plena participação do mistério de Cristo” (AG 5,1).

Para continuar a missão de Cristo, “enviado a evangelizar os pobres”, a Igreja tem que viver o seguimento de Cristo na pobreza, no serviço, nas tribulações, na entrega até a morte. O decreto **Ad Gentes** não esconde a radicalidade do dever, melhor: da natureza missionária da Igreja:

“Esta missão no decurso da história continua e desdobra a missão do próprio Cristo, enviado a evangelizar os pobres. Eis por que a Igreja impelida pelo Espírito de Cristo deve trilhar a mesma senda de Cristo, isto é, o caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação de si até a morte, da qual saiu vencedor por sua ressurreição. Pois assim na esperança caminharam todos os Apóstolos, e por suas muitas tribulações e paixões completaram o que falta aos sofrimentos de Cristo por seu Corpo, a Igreja (cf Col 1,24). Muitas vezes foi também semente o sangue dos cristãos” (AG 5,2).

Não são poucos os que afirmam hoje que não é mais possível anun-

ciar o Evangelho desde um mundo estranho aos homens aos quais é anunciado; que não se pode anunciar o Evangelho dos pobres aos pobres sendo rico e desde o mundo dos ricos; que para poder evangelizar com credibilidade a Igreja tem que se converter primeiro, abandonando seu poder, suas riquezas, suas alianças com os poderosos. "A Igreja precisa recuperar a credibilidade para poder evangelizar (10).

Se não se quer trair o Cristianismo reduzindo-o à ideologia de uma minoria de privilegiados, os pobres têm que ser evangelizados. Ora, hoje os pobres como classe social não são evangelizados. O desafio que este fato lança à Igreja é colossal. Ficar parados, paralizados, diante dele não resolve nada. O que é necessário e urgente, é tomar opções evangélicas e traduzi-las conseqüente e perseverantemente em ações. Como?

A conversão da Igreja ao Evangelho é um imperativo e uma tarefa ao longo de **toda** a história (11). O fator decisivo para a conversão em cada momento histórico não serão os manifestos dos rebeldes (apesar de sua importância para sacudir consciências adormecidas) mas as vidas e ações dos convertidos e entregues incondicionalmente ao Evangelho como Francisco de Assis, Inácio de Loyola, Charles de Foucauld. Sem querer canonizar, nem absolutizar as Pequenas Comunidades de religiosas que optaram por viver, encarnar e testemunhar a verdade e a força libertadora do Evangelho no meio das cama-

das mais pobres da população, pode-se afirmar que se trata de uma opção evangélica que, continuada em espírito de pobreza e de serviço, ajudará a levar o Evangelho até o mundo dos pobres e a construir comunidades eclesiais vivas.

2. Uma presença evangélica no meio do povo pobre

Na medida em que as Pequenas Comunidades de Irmãs viverem uma "vida evangélica" no meio do povo, serão uma "presença evangélica" e, por conseguinte, evangelizadora. O que São Francisco de Assis quis nada mais (e nada menos!) foi que viver "segundo a forma do Santo Evangelho". Vivendo o Evangelho pregava-o mesmo quando não pronunciava uma só palavra. A "vida evangélica", diz na sua Regra, deve ser vivida "plus exemplo quam verbo", mais com o exemplo do que com as palavras. Todos os grandes fundadores de Ordens e Congregações religiosas, que foram todos eles "homens de Igreja", não pretendiam senão viver e testemunhar, na maravilhosa variedade dos carismas, o mesmo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo no coração da Igreja e no coração do mundo.

"Os grandes Fundadores de Ordens religiosas e Congregações jamais se encerraram em torres de marfim. Se usarmos a terminologia moderna, poderemos dizer que eram antenas vivas a captar as necessidades mais prementes dos homens, sendo ao mesmo tempo torres retransmissoras de mensagens e convites para ações decisivas na arena da luta humana. Descobriam

os vazios do espaço e do tempo, levavam homens e mulheres a descobrir onde sofrem e onde vivem os verdadeiros marginalizados. Ao mesmo tempo, preparavam seus companheiros religiosos a influir nas fontes de decisão e nas grandes opções da humanidade. Acordavam. Reanimavam. Impediam a destruição. Abriam caminhos para a vida. Afinal, prolongavam a voz de Deus e despertavam a consciência dos homens. Foram indispensáveis para a convivência fraterna e insubstituíveis na aliança do Senhor da História com o seu Povo”(12).

A força de irradiação e de transformação do Evangelho não é menor hoje entre os pobres da periferia do Rio ou de São Paulo, do interior do Ceará ou do Maranhão do que entre os pobres de Antioquia e de Corinto evangelizados por Paulo. A Igreja continua sendo animada, vivificada e transformada pelo mesmo Espírito que moveu São Basílio, São Bento e Sto. Agostinho; São Francisco de Assis e São Domingos; Santo Inácio de Loyola, Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz, São Francisco de Sales e São Vicente de Paula, Charles de Foucauld e João XXIII.

As Pequenas Comunidades de Irmãs que estão a serviço da evangelização nas Igrejas locais são herdeiras e portadoras de tradições espirituais, mais ou menos antigas, suscitadas e conservadas vivas pelo Espírito na Igreja. As formas de inserção, de testemunho e de serviço poderão ser mais variadas como respostas à variedade e liberdade dos carismas, por uma parte. Mas toda essa multiplicidade de

diaconias está unificada pela entrega e pela fidelidade ao mesmo Evangelho que se quer testemunhar, proclamar e encarnar no meio do povo mais pobre.

A grande maioria das Pequenas Comunidades está situada, “não nos centros das grandes cidades, mas na periferia ou no interior, onde está a massa pobre e abandonada” (13). No mesmo relatório reconhece-se, porém, que “o estilo de vida não corresponde certamente ao da camada mais pobre”. As Irmãs dão mostras de um realismo que, na nossa opinião, não tem nada a ver com o “realismo” dos políticos ou dos “prudentes”, mas brota de uma atitude evangélica de veracidade, quando se perguntam “se isso é possível, ideal e necessário” (14). Cremos que, exceptuado o caso de vocações carismáticas claras, a resposta é negativa aos três adjetivos interrogantes.

A mesma atitude de veracidade humilde (“La humildad es la verdad”, dizia Santa Teresa de Ávila), oposta aos “slogans” neo-triunfalistas ou de um radicalismo “festivo”, é expresso, por exemplo, nesta constatação: “Muitas Irmãs se sentem ao mesmo tempo perto e longe do povo: proximidade geográfica, serviço, mas privilégios diante do círculo vicioso do desemprego, da fome, da miséria...” (15).

O fato de as Irmãs não entrarem até o fundo nesse beco-sem-saída dos pobres e marginalizados no meio dos quais vivem não tira a validade nem a autenticidade da experiência. O importante é descobrir esse “novo mundo”, penetrar den-

tro dele, solidarizar-se com ele e engajar-se na sua libertação participando das lutas, privações e humilhações, embora não da miséria, dos que vivem dentro dele. A autenticidade e eficácia evangélica da experiência corresponderá ao esforço feito por levar uma "vida mais simples, despojada e evangélica" (16); manifestar-se-á também, por exemplo, no fato de ter a "casa aberta a qualquer dia e hora e para qualquer um" (17). Estas atitudes e comportamentos, e outros muitos que se poderiam acrescentar, serão um testemunho do Evangelho dos pobres que os pobres saberão compreender.

O problema da evangelização não se pode reduzir simplisticamente ao problema da busca de uma "linguagem mais adaptada ao povo". Para falar a linguagem do povo é necessário mergulhar no seu mundo. Pelo fato de viverem com o povo, em contato diário com seus problemas, as Pequenas Comunidades terão uma facilidade maior para desempenhar a tarefa de anunciar ao povo, também pela palavra, o verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo do qual as massas populares desconhecem elementos fundamentais (18).

3. Opção pelo mundo dos pobres

Institucionalmente, a Igreja no Brasil esteve, quase sempre, ao longo de mais de 400 anos de história; do lado da classe dos ricos e dos senhores. Desde esse mundo do "poder", com o seu "prestígio" e "influência", e através de uma

vasta rede de "instituições", anunciava o Evangelho, catequizava e "sacramentalizava" o imenso mundo dos pobres e dos escravos, realizando também um grande número de obras de misericórdia em benefício deles (19).

Se a Igreja na América quer colocar-se realmente a serviço do Evangelho, ser "uma Igreja servidora e pobre", tem que buscar caminhos novos para o ministério de edificação de comunidades eclesiais que pertençam social e culturalmente ao mundo dos pobres. Comunidades que sejam a expressão evangélica viva de suas angústias e esperanças, verdadeiros sinais sacramentais da liberdade operada por Cristo, sinais da Páscoa de Jesus Cristo, isto é, da passagem já realizada escatologicamente, da escravidão para a liberdade, da opressão para a fraternidade, da morte para a vida.

A novidade e a significação eclesial e eclesiológica das experiências que estamos comentando e tentando fundamentar estão em que, na maioria dos casos, se faz uma opção pelos pobres, não considerados individual e isoladamente, mas como classe social. Em não poucos casos de fato, é feita uma opção de classe; não no sentido marxista de luta de classes, mas sim no sentido real de querer viver, em última instância por razões evangélicas, com as classes populares e pobres, com os marginalizados e oprimidos social e culturalmente; é uma opção de solidariedade com seu mundo, seus interesses, suas lutas e esperanças.

Uma **opção** deste tipo é **evangélica**, primeiramente, **pela sua motivação**. Jesus anuncia seu Evangelho em primeiro lugar aos "pobres". Mesmo se eles não se identificam com os materialmente pobres, é sobretudo entre estes onde se encontram os primeiros destinatários do Evangelho: o povo simples, a multidão imensa dos pequenos que são menosprezados, desprezados e oprimidos pelos grandes e poderosos das elites culturais, econômicas, políticas e religiosas (20).

Eis como se exprime a este respeito o documento elaborado pela equipe teológico-pastoral do CELAM:

"Os pobres não são apenas destinatários privilegiados da mensagem, mas também agentes importantes do anúncio, por sua capacidade de abertura para Deus; por sua sensibilidade às diferentes formas de opressão do pecado (de pessoas, de grupos, de estruturas); por sua maior consciência de fraqueza e de necessidade de salvação. Os satisfeitos, os repletos, não parecem sentir necessidade de recorrer a Deus. Os pobres experimentam mais profundamente sua contingência, sua precariedade, sem que isto seja confundido com buscas de compensação alienante, como se a religião fosse ópio e a aspiração para a justiça, para a fraternidade que encontra sua fonte no Pai. Os pobres ajudam a dar ao mundo sua consciência de provisoriedade. Sua sabedoria não é a dos sábios. Não se escandalizam diante da loucura e do escândalo da cruz. Deste modo os pobres evangelizam e são evan-

gelizados. De seus lábios surge o louvor que é também anúncio"(21).

O anúncio do Evangelho às multidões dos pobres é uma **opção evangélica**, em segundo lugar, **pela sua realização**. A "conversão" implicada no anúncio do Evangelho consiste fundamentalmente em sair de si, do próprio mundo egoísta e fechado para abrir-se a Deus e aos irmãos. Evangelizar é anunciar a realidade do amor de Deus, no sentido forte de que, pela conversão ao Evangelho, esse amor se torna real na história. Evangelizar é, por conseguinte, encarnar o Evangelho no tempo e na história, no mundo real dos homens, que é um mundo de desequilíbrios, de tensões e de conflitos (22). Uma evangelização eficaz e conseqüente destrói as barreiras que impedem a comunhão e constrói fraternidades eclesiais onde o amor é operante (23).

4. Conformidade da experiência em curso com a natureza da Vida Religiosa

Não foi por mero acaso que surgiram as Pequenas Comunidades de religiosas inseridas no meio do povo a serviço da evangelização. Na teologia e espiritualidade clássica, a Vida Religiosa é caracterizada como "**vida evangélica**". Ela é efetivamente uma forma particular de vida cristã, suscitada pelo Espírito Santo na Igreja, para viver e testemunhar, em fraternidade, a radicalidade do Evangelho. Pela profissão, o religioso faz do Evangelho a norma suprema, a razão última, o sentido absoluto de sua existência.

Na terminologia clássica: “professa” viver segundo os “conselhos evangélicos”; compromete-se, de modo “público” a viver “consagrado” à causa do Evangelho, a seu serviço e irradiação. As comunidades religiosas não são primeiro constituídas para fazer depois, eventualmente, uma opção de serviço ao Evangelho. Elas são, por sua própria natureza, comunidades de “vida evangélica”; por seu próprio ser estão, de uma ou de outra forma, a serviço da evangelização.

Tradicionalmente a Vida Religiosa foi vista também, na variedade de suas formas, como uma “vida apostólica”, isto é, como uma forma de vida que quer imitar o gênero de vida da primeira comunidade cristã tal como é descrita por Lucas em At 2, 42-47; 4, 32-35; 5, 12-16. Nestes textos é fortemente acentuada, não só a vida de comunhão fraterna em torno da Palavra e da fração do Pão, formando “um só coração e uma só alma”, na alegria e na simplicidade, na oração e na ajuda mútua decorrente da comunhão de bens. É frisada também a força da irradiação apostólica da comunidade que gozava da graça de todo o povo. Na medida em que as comunidades de religiosas viverem sua vocação apostólica inseridas no meio do povo, serão também um centro de cristalização de comunidades cristãs, sem precisar se preocupar muito com métodos e técnicas para conseguir-lo.

Um dos aspectos atualmente mais acentuado na teologia da Vida Religiosa é sua dimensão de **sinal**.

A Vida Religiosa é efetivamente, no coração da Igreja e do mundo, um sinal da realidade **do amor de Deus**, de um amor que mostra sua força criadora e transformadora fazendo surgir no coração do homem o amor a Deus e aos irmãos. Como forma carismática de existência cristã, a Vida Religiosa é, segundo a expressão do Concílio, uma “entrega a Deus sumamente amável” (LG 44,1), um “testemunho evangélico (que) manifesta aos homens o primado do amor de Deus”, segundo a expressão de Paulo VI (24).

Na medida em que forem fiéis a sua vocação, os religiosos darão testemunho com suas vidas do que constitui o centro da mensagem evangélica: a realidade do amor de Deus aos homens, do amor dos homens a Deus e do amor dos homens uns para com os outros. As fraternidades de religiosas poderão se encontrar em situações em que o testemunho é mais eficaz para a evangelização do que a palavra, talvez o único caminho. Em todo caso, nunca poderá faltar. Onde estiver apagando o sinal da caridade, não existe comunidade cristã.

Antes de serem chamados pela Hierarquia “para evangelizar”, os religiosos deveriam ser, no corpo das comunidades em que vivem, por sua mesma vocação carismática, células vivas criadoras e portadoras de comunhão. “A América Latina necessita urgentemente de comunidades missionárias que vivam o mistério, o proclamem pelo testemunho e pela palavra, alimentem a fé de seus membros e reflitam, à

luz desta fé, no momento histórico em que vivem” (25). “A evangelização supõe o apoio de uma Igreja-sinal” (26).

As Pequenas Comunidades de religiosas que, mergulhadas no mundo dos pobres, se esforçam por viver, criadora e perseverantemente, uma “vida evangélica”, serão ao mesmo tempo ponto de partida e de apoio, **centro** de convergência e irradiação para uma fecunda ação evangelizadora. Partilhando das angústias e esperanças, das alegrias e cansaças dos homens no meio dos quais vivem, serão para eles um testemunho de que crer, esperar e amar, num esforço quotidiano por encarnar o Evangelho na história da própria vida e da comunidade, liberta o homem do mundo fechado do egoísmo ou do fatalismo e do mundo opressor do ódio, da injustiça e da alienação.

A Igreja é essencialmente um **mistério de comunhão**, o sacramento da união dos homens com Deus e entre si em Cristo, como afirma o Vaticano II, na primeira frase da Constituição dogmática sobre a Igreja. A Vida Religiosa é também essencialmente uma vida de entrega a Cristo e de seguimento de Cristo numa **fraternidade**. É uma forma particular carismática de viver o mistério da Igreja. Na medida em que forem fiéis à sua vocação de viver o amor a Deus em comunhão fraterna, as comunidades religiosas serão para os homens, no meio dos quais vivem, uma “prova” visível da realidade que constitui o coração do mistério da Igreja.

Desde o início do Cristianismo, as formas de vida cristã que seriam chamadas mais tarde com o nome geral de Vida Religiosa foram vistas e vividas como **fuga mundi**. O sentido profundo, teológico e espiritual, desta categoria não está de modo algum superado (as que estão superadas são muitas das formas históricas em que a **fuga mundi** foi vivida). Se quer continuar sendo “vida evangélica”, a Vida Religiosa terá que viver dia após dia a tarefa árdua e dolorosa e nunca inteiramente acabada da “conversão”. A “ascese”, que marcou tão fortemente o estilo da Vida Religiosa tradicional (chegando, não poucas vezes, a desfigurá-la), continua sendo uma dimensão essencial dela. Não pode, porém, ser mais vivida num “esplêndido isolamento” do mundo e menos ainda contra ele. Terá que ser exercida cada dia no esforço por viver a comunhão, a solidariedade, o serviço aos homens. Quando este esforço é feito e perseverantemente mantido por causa do Evangelho, não é certamente menos mortificante do que os jejuns, cilícios e disciplinas.

Pe. Chenu caracteriza o paradoxo do Evangelho como “**ruptura e presença**”. A ascese, a abnegação e a fuga do mundo terão que ser traduzidos hoje, com não menor radicalidade que no passado, como **contestação** dos pseudo-valores dominantes: ter, dominar, consumir às custas de uma alienação massiva e opressora, e como **vivência dos valores evangélicos** opostos: verdade e liberdade, gratuidade e disponibilidade, simplicidade, solidariedade e comunhão, particularmente com

os mais pobres e abandonados. Eis outro imenso campo de presença evangélica e evangelizadora em perfeita sintonia com um aspecto central e permanente da teologia e espiritualidade da Vida Religiosa.

De todas as reflexões que acabam de ser feitas segue-se que a encarnação de Pequenas Comunidades Religiosas nas comunidades de base, longe de decompor a especificidade da Vida Religiosa, torna-a mais consciente e mais autêntica, desde que feita responsabilmente.

Vamos encerrar estas anotações e reflexões transcrevendo os dois parágrafos que dedica ao nosso tema, o longo Documento elaborado pela equipe teológico-pastoral do CELAM. No contexto destas páginas, o mais importante é o segundo porque aborda exatamente o assunto que tentamos comentar:

“São bem amplos os horizontes que se abrem aos carismas da vida **consagrada** que tanta influência teve na vida da Igreja. Se evangelizar é **anunciar o reino presente em Cristo** e a vida consagrada é a vocação ratificada na Igreja para vi-

ver e manifestar os valores do Reino futuro, do absoluto de Deus, da radicalidade do Evangelho, é evidente a relação do religioso(a) com a missão evangelizadora da Igreja. A própria vida consagrada é já um sinal profético e escatológico. Antecipam a realidade do definitivo, do plenamente conseguido na total unidade com o Senhor” (27).

“Nos últimos anos tomou especial importância e apareceu de modo original a presença atuante da mulher consagrada. Sua integração na vida pastoral das dioceses, das paróquias (cuja orientação em alguns casos assumiram), nas diferentes formas de comunidade, nas Comunidades de base, abre caminhos bem ricos e antes, talvez, insuspeitos. Sua presença entre os pobres e os mais simples possui uma força especial e constitui um atraente testemunho sobre o qual se apóia o trabalho evangelizador. Naturalmente se requer uma preparação ainda mais esmerada e adequada às novas realidades para que seu serviço pastoral seja uma expressão coerente da identidade religiosa” (28).

NOTAS

1. Deixamos deliberadamente de lado uma série de questões, não obstante serem de capital importância para o resultado positivo da experiência em curso. Por exemplo: O problema de uma adequada **preparação e atualização** permanente das Irmãs nos campos da teologia pastoral e espiritual e também da análise e compreensão da realidade sócio-cultural na qual levam a

cabo sua missão. Um mínimo de conhecimentos assimilados nestes campos é uma condição necessária tanto para a vivência autêntica da vida religiosa como para a eficácia evangélica da ação pastoral. Entre as numerosas dificuldades particulares apresentadas nos relatórios e discutidos no Encontro, o problema da **manutenção e profissionalização** mereceria um estudo

teológico aprofundado. Na nossa opinião o ponto nevrálgico da experiência é o da fidelidade à **identidade do ser religioso**, e mais particularmente, ao carisma fundacional da própria Congregação. Se falhar este ponto, a experiência se desviará e desvirtuará inexoravelmente. Poderão ser feitas muitas coisas, mas em termos evangélicos, todos (o povo a ser evangelizado, a comunidade das Irmãs, a própria Congregação, a Igreja local e a Igreja Universal) sairão perdendo. Talvez em outra ocasião voltaremos sobre este assunto.

2. O que aqui se diz sobre as Pequenas Comunidades de religiosas vale obviamente também, "mutatis mutandis", para as comunidades de religiosos não presbíteros engajados no mesmo tipo de experiência.

3. Para ter uma primeira idéia global do problema de evangelização tal como se coloca hoje no mundo, na América Latina e no Brasil, ver: **A evangelização do mundo contemporâneo** (Documento preparatório do Sínodo enviado às Conferências episcopais): SEDOC 6 (jan.-fev.1974) col 797-808. **Alguns aspectos da evangelização na América Latina** (Documento de reflexão da equipe teológico-pastoral do CELAM): SEDOC 7 (set. 1974) 197-228. J. COMBLIN, **Os sinais dos tempos e a evangelização**, Ed. Duas Cidades, São Paulo, 1968 (são particularmente importantes para a problemática da evangelização no Brasil os cap. I, V e XI até XIV). Dado o caráter destas anotações e reflexões, nos apoiamos para fazê-las sobretudo nos 15 documentos policopiados que foram distribuídos no Encontro.

4. Todos os dados deste parágrafo foram tirados do Documento "Listagem UM". Os dados são muito fragmentários e apresentados sem caráter científico, mas mesmo assim ilustram a situação.

5. Delas, 35 pertencem à Congregação Diocesana das Josefinas "que se inserem muito no meio do povo e são bastante aceitas pelos vigários."

6. Deve-se notar que o conceito um tanto vago de "Novas Formas de Vida Religiosa" do questionário não coincide exatamente com a categoria de Pequenas Comunidades sobre as quais se refletiu no Encontro. Os dados indicados encontram-se no Documento 2.

7. Embora o nosso comentário se refira às Comunidades de Irmãs, queremos mencionar aqui a experiência ASSESSOAR (Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural) em que trabalham os Irmãos Lassalistas e que tem como objetivo a "promoção integral do agricultor do Sudoeste do Paraná." A catequese familiar, que conta com 3.000 catequistas, acentua fortemente a dimensão de engajamento de fé a serviço da comunidade. Os grupos de reflexão de adolescentes, jovens e adultos somam 2.050 grupos, "que se reúnem quinzenalmente para refletirem sua vida, seus problemas à luz do Evangelho", Documento anexo à Listagem 4.

8. Confere Documento 4.

9. Na exposição desta experiência aparece certa contradição entre a afirmação de que a opção foi feita consciente e livremente, sem qualquer motivo externo, e expressões deste tipo: "A Igreja nos jogou na experiência da paróquia como tapa-buracos. A Igreja-instituição nos utiliza como instrumento que presta trabalho barato." Em vários outros lugares do mesmo Documento transparece certa agressividade.

10. **Evangelizzazione e Credibilità**, editorial do número sobre I Religiosi e l'evangelizzazione, da revista Studi Francescani, 1972/2, páginas 105-111. No mesmo editorial, página 106, cita-se o seguinte texto que traduzimos do livro de L. BIANCHI, **Come un atomo sulla bilancia**, Storia di tre anni di fabbrica, Ed. Morcelliana, Brescia, 1972, página 133: "Ninguém mais pode crer nas palavras, ainda que sejam as do evangelho, se quem as pronuncia não é crível. Se não se quer ser pobre como Igreja, seguindo a Cristo que rejeitou qualquer poder humano, é me-

lhor não anunciar que Cristo foi pobre. O poder do evangelho para que seja crível fora deve espalhar-se dentro da Igreja. Para tornar possível a evangelização, dar-lhe credibilidade, a Igreja precisa ser evangelizada, colocar-se em confronto com o evangelho, sob o seu juízo. O problema está invertido. Não se trata de evangelizar, mas de ser evangelizados.

11. A Igreja de Jesus Cristo será sempre, até sua consumação na Parusia, uma Igreja de santos e pecadores. O fundo do seu mistério é o paradoxo da graça de Deus que é sempre maior que o pecado dos homens que a formam, que se manifesta tanto mais poderoso quanto maior é a fragilidade dos homens. Justamente por isso, pode ser e é de fato, o sacramento da salvação do mundo. Querer uma Igreja completamente pura de toda mancha (poder e riqueza, ambição e autosuficiência, cegueira e covardia, etc.) é não só cair num idealismo utópico, mas também numa heresia, por sinal, saudosista e reacionária.

12. ARNS, DOM PAULO EVARISTO, **Você é chamado a evangelizar**, São Paulo, 1974, página 169.

13. Documento número 1.

14. Ibidem.

15. Documento número 4.

16. Ibidem.

17. Ibidem.

18. Sobre este ponto devem-se evitar as ilusões. Afirmar, como se faz no Documento 4, que o "povo vive simplesmente o evangelho" é, no mínimo, uma asserção demasiado indiferenciada e, na sua generalidade, falsa.

19. BRUNEAU, TH. C., **Catolicismo Brasileiro em época de transição**, Editora Loyola, São Paulo, 1974, páginas 25-92.

20. MOLLAT, D., **Evangile**, em DS IV-2, col 1749.

21. Alguns aspectos... col 223.

22. G S, 4-10.

23. Para um maior aprofundamento deste tema, GUTIERREZ, G., **Praxis de libération et foi chrétienne**, Lumen Vitae 29 (1974), páginas 227-254.

24. Exortação apostólica **Evangelica Testificatio**, n.º 1, 3 e 7.

25. Alguns aspectos... col 222.

26. Ibidem, col 217.

27. Ibidem, col 225s.

28. Ibidem, col 226.

I PARTE
GUIAS
DE ANIMAÇÃO

ENCONTROS
DE
ORAÇÃO

JACQUES CLOUTIER, OMI

Após ter vivido uma tendência extrema para a ação apostólica, muitas vezes social e política também, os cristãos e os religiosos re-encontram o gosto por uma oração mais profunda e verdadeira, no silêncio e na partilha fraterna. Aparecem muitos grupos de oração, movimentos carismáticos, cursilhos, tardes de oração, etc. que se moldam por uma oração inventiva, muito próxima à oração bíblica. Inspirando-nos nestes movimentos, pensamos em redigir um pequeno guia para religiosos e religiosas que desejam viver mais intensamente seus encontros de oração bíblica.

A primeira parte deste trabalho dá indicações práticas sobre a organização dos grupos de oração, o espírito de escuta respeitosa que deve presidir a este encontro com o Senhor. A segunda parte apresenta uma seleção de grandes temas bíblicos, leituras adaptadas às necessidades dos grupos. Será fácil acomodá-los aos diversos tempos do ano litúrgico e às situações pessoais.

Esta espécie de oração se prolonga naturalmente com propósitos concretos e projetos apostólicos que são resultados de um esforço cristão. É preciso colocar-se diante de Deus e do Deus de Jesus Cristo, para captar claramente os apelos divinos e engajar a vida em gestos exigentes que serão o mais belo louvor ao Pai.

Este trabalho foi traduzido do original francês: Guide d'animation pour les rencontres de prière. Publicação da Conferência dos Religiosos do Canadá, Documento 504-15. Novembro de 1973.

A. Por que e como rezar em conjunto?

Finalidade dos grupos de oração

◆ Aprender a escutar, estar à escuta do Espírito que nos fala por tudo e a todo momento, nos mais diferentes meios e tons: a Escritura, as pessoas, as circunstâncias. “Sem mim nada podeis fazer,” Jo 15, 5.

◆ Chegar a conhecer o Senhor Jesus: “A vida eterna consiste em que te conheçam a ti, um só Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo que enviaste,” Jo 17, 3.

◆ Por ele, ir até o Pai. Passagem de um novo Povo de Deus para uma nova Terra Prometida. “Ninguém vai ao Pai senão por mim,” Jo 14, 6. Esta caminhada é mais verdadeira e mais cristã quando feita em comunidade.

◆ Tornar-se verdadeira e profundamente **um em Cristo**, numa comunidade de fé e de amor.

◆ “Pai, não rogo somente por eles, mas também por aqueles que por sua palavra hão de crer em mim. **Para que todos sejam um**, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que eles estejam em nós e o mundo creia que tu me enviaste,” Jo 17, 20-21.

Encontramos assim, pela moção do Espírito, uma nova coragem para nossos engajamentos apostólicos; uma criatividade audaciosa que nos fará responder às necessidades novas de nossa sociedade, “a fim de renová-la em Cristo.”

As grandes linhas de uma caminhada

◆ **Refletir** em grupo o que significa seguir o Cristo hoje. “A norma última da vida religiosa sendo seguir o Cristo de acordo com o ensinamento do Evangelho, deverá ser trilhada por todos os Institutos com sua regra suprema...”, **Perfectae Caritatis**, 2.

◆ **Ler a palavra** de Deus e a meditar em conjunto. “Antes de tudo, cada dia, esteja a Sagrada Escritura em suas mãos para extrair de sua leitura e de sua meditação a eminente ciência de Jesus Cristo, **Ibidem**, 6.

◆ **Buscar atingir níveis de comunicação** cada vez mais pessoais e mais profundos. Chegar assim a se conhecer e a se ajudar sempre mais na comunidade como tal.

O número ideal deveria ser de sete a dez pessoas, porque o grupo de oração não é: ● Grupo de debate. ● Círculo de estudos teóricos. ● Grupo formado com vista a alguma tarefa particular. ● Grupo de amigos. ● Dinâmica de grupos nem grupo de sensibilização psicológica.

O grupo é: 1. Um ato de fé na presença e na ação do Senhor. “Quando dois ou três estão reunidos em meu nome, **eu estou no meio deles.**” 2. Um ato de amor respeitoso, um ato de esperança, uma experiência de comunidade cristã.

B. Como preparar a reunião?

Um grupo de oração não se improvisa. Exige-se uma série de circunstâncias favoráveis para que a experiência tenha sucesso. Cada grupo, portanto, é único na sua formação e na sua evolução. Ninguém pode dar receitas a este respeito. No entanto, pode-se dar algumas indicações sobre o **espírito** que deve animar as pessoas e sobre a **organização imediata** da reunião.

Preparação remota

1. Vida de oração pessoal. Os membros precisam já anteriormente viver perto do Senhor. Ler frequentemente a Escritura. Ter um coração totalmente orientado para o Senhor. "Não que eu já tenha alcançado o prêmio, ou que já seja perfeito, mas prossigo a minha carreira para ver se de algum modo o poderei alcançar, visto que eu fui apreendido por Jesus Cristo," Flp 3, 12.

2. Abertura para o outro. Estado de espírito em disponibilidade e de benevolência para com o próximo. Querer escutar com respeito.

3. Pobreza de espírito. Saber **reconhecer** sua pobreza. Todos somos susceptíveis de medo e de ansiedade, de fraquezas e de infidelidades. Saber aceitar sua pobreza. Só assim somos nós mesmos, sem hipocrisia nem falsidade de espécie alguma. **Alegar-se** enfim desta pobreza, oferecê-la ao Senhor, para que o Espírito seja livre de agir em nós com sua força.

"Se importa gloriar-me, eu gloriarei na minha fraqueza. Para que a grandeza das revelações não me ensoberbeça, foi-me dado um espinho na carne, um anjo de Satanás, para me esbofetear e impedir que eu me orgulhe. Três vezes roguei ao Senhor que o apartasse de mim. Mas ele me disse: Basta-te a minha graça, porque é na fraqueza que se revela totalmente a minha força. Portanto, prefiro gloriar-me das minhas fraquezas para que habite em mim a força de Cristo. Alegro-me nas minhas fraquezas, nas afrontas, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por Cristo. Porque quando me vejo em fraqueza, então é que sou forte," 2 Cor 11, 30; 12, 7-10.

Preparação imediata

A escolha de um tema é sempre útil, especialmente se adaptado intimamente à vida dos componentes do grupo. Pode ser inspirado em situações concretas, em programas de algum organismo, no tempo litúrgico, etc.

Mesmo que o Espírito, por vezes, fale em improvisações espontâneas, será muito útil que um ou mais membros do grupo se preparem anteriormente. Poderão escolher textos, aprofundar sua reação pessoal a respeito desta palavra. Se houver necessidade, faça anotações e se reporte à Bíblia, como ainda a um vocabulário de teologia bíblica.

No começo da reunião, criar uma atmosfera de distensão, de calor, de repouso, de amizade e de confian-

ça mútua. O mobiliário e a decoração do local devem contribuir para criar esta atmosfera.

C. Deixar-se interpelar pela Escritura

Embora se tenha preparado algumas passagens em vista da reunião, estar disposto a deixá-las de lado, se for preciso, para seguir o curso normal do diálogo. Partilhar suas passagens preferidas. Há cantos que convêm muito bem a determinadas situações. Pouco a pouco o grupo constituirá uma coleção de cantos apropriados para estas reuniões.

Aceitar as obscuridades da Escritura

Sabendo que os membros do grupo já se sentem familiarizados com a Sagrada Escritura, que eles mesmos leiam o texto, fazendo pausas para permitir aos demais participantes aprofundar alguma passagem e meditá-la com maior vagar. Eles mesmos poderão repetir uma frase do texto particularmente inspiradora.

Não procurar elucidar todas as dificuldades nem encontrar resposta exata a todas as questões. Uma grande parte da mensagem da Escritura permanecerá sempre um mistério. O que importa são os grandes temas da salvação: a conversão do coração, a pobreza, a pureza, a atenção à palavra de Deus, o reino dos céus, o amor aos irmãos, etc.

Descobrir a mensagem global

Quanto mais lemos a Sagrada Escritura, mais clara com a ajuda do Espírito, se torna sua mensagem total. Encontraremos aí gradualmente a resposta a muitos problemas. Mas esta tarefa não é fácil. "Vós já estais puros pela palavra que vos tenho anunciado", Jo 15, 3. Se alguém deseja que esta espécie de reflexão não fique apenas em nível teórico, será preciso da parte das pessoas, integridade, coragem e sinceridade. E da parte do grupo inteiro, confiança mútua, compreensão e paciência.

No decorrer de uma jornada de reflexão, cada um dos membros poderá citar as passagens que julgar mais apropriadas. Tais passagens serão inseridas no momento exato, durante o diálogo. São textos úteis à solução de algum problema na sua raiz, na sua causa.

Isto é particularmente necessário quando se chega a algum impasse. Ninguém deve se preocupar em responder a esta ou aquela questão, mas todos devem procurar em conjunto, a verdade. Se o diálogo parece se perder em caminhos sem saída, será então preciso reportar-se ao tema original ou a alguma questão pertinente.

Estar atento aos sinais do Espírito

Se o grupo se engaja de maneira aproveitável, em outra direção diferente daquela que o animador planejara, é preciso respeitar este caminho. Seu papel é seguir atentamente o ritmo do grupo e a contribuição de cada um dos membros.

Não entrar para a reunião com a idéia prefixada de ter de chegar a esta ou aquela decisão. O único resultado a que se deve tender é o seguinte: fazer desaparecer todos os obstáculos que podem emperrar a ação do Espírito no seio do gru-

po. Para esta finalidade, todos os membros do grupo devem estar orientados, disponíveis ao Espírito numa atitude de respeito e de amor mútuos.

Conseqüentemente, deve estar cada um atento aos sinais da presença do Espírito: paz, alegria, respeito e cuidado pelo outro, confiança, benevolência, disponibilidades, humildade. Nenhuma pretensão de erudição, nenhum julgamento absoluto. De outra parte, nada de condescendência, cuidado com a verdade, coragem e esperança. Nada de atitudes de autoridade, nem de opiniões apriorísticas. Respeito, intuição, critério.

D. Como conduzir a reunião?

Com um grupo restrito de participantes, a ação do animador é de menor importância. Seu papel é mais relevante com um grupo maior. Sua tarefa será uma visão global daquilo que se passa normalmente em toda a reunião de oração, mesmo se deve atender a tudo particularmente. Se somos guiados pelo Espírito, não haverá dúvida de que nossos encontros serão frutuosos, seja qual for a sua orientação.

Como saber se somos guiados pelo Espírito? "Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinhos e figo dos abrochos?" Mt 7, 16. "O fruto de Espírito é: caridade, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, temperança. Contra estas coisas não existe lei," Gál 5, 22-25.

Introdução ao encontro

O início do encontro é dedicado à distensão. É o instante em que cada um se põe em paz com os outros, em que cada um se põe em paz consigo, esquecendo cuidados e preocupações. Em outras palavras, cada um se coloca em espírito de oração. Quanto mais o respeito mútuo, a caridade, a confiança se desenvolvem nos membros do grupo, mais o Espírito Santo agirá em plena liberdade. É uma verdade lúcida que se os animadores estão distendidos, não haverá obstáculos à ação do Espírito que sopra onde quer. Se eles, porém, estão tensos, nervosos, a reação será imediata sobre o grupo. Recomendável será começar logo com um canto, que lembre a liturgia, alguma coisa que não seja rotina.

Oração de abertura

Poderá ser uma destas fórmulas seguintes: simples fórmulas, pausa silenciosa, canto, texto tirado da Escritura, oração espontânea. Com isto colocamo-nos à escuta do Espírito e aguardamos a sua inspiração. Os textos da Escritura são a forma mais recomendada. Há excelentes textos, seja no Antigo como no Novo Testamento. As orações de ação de graças e de louvor, tais como os salmos, são especialmente apropriadas para qualquer ocasião.

As sugestões seguintes são tipos de oração normalmente em uso nestes encontros. Nem sempre estão na ordem indicada acima nem é preciso usar todas estas formas. É preciso ter intuição bastante para descobrir através de certas atitudes, algumas comunicações não verbais, se os participantes a desejam ou não.

Texto da Escritura

Um participante começa lendo lentamente um texto preparado, fazendo pausas na leitura. Cada um ouve no mais profundo de seu coração o que o Espírito quer lhe revelar por este texto. Tem o Senhor alguma coisa a me dizer? De que maneira esta passagem me toca? Se ela me sugere rezar por uma intenção particular, sou livre para o fazer. Escuto igualmente com atenção, reconhecimento e humildade, o que o Espírito Santo diz aos outros membros do grupo. A leitura da Escritura leva assim de maneira espontânea a outras formas de oração.

Canto

Com freqüência, é pelo canto que se exprime a presença do Espírito em nós, com a condição de que, o canto seja a expressão de uma oração que vem do coração e não um mero passatempo. Não se trata de cantar pelo prazer de cantar.

Testemunho, partilha, diálogo

A oração partilhada, expressão da bondade de Deus com respeito aos homens, dá muitas ocasiões de alegrar-se conjuntamente, de louvar o Senhor pelo canto de preferência a qualquer outra forma de oração. Não há outro meio melhor de lhe testemunhar gratidão pelo seus dons. Outras vezes, uma questão como esta pode ajudar os participantes a falar: Em que momento, durante a semana, você se sente mais estreitamente unido a Cristo? Você já fez alguma experiência apostólica?

Há um perigo no diálogo: o encontro pode se tornar um debate teórico sem que as pessoas o desejem. O que todos querem é uma reflexão de oração, uma escuta atenta e respeitosa, que se faz no canto, numa passagem da Escritura, numa oração silenciosa. Cada forma terá seu momento oportuno. A reação apropriada poderá ser produzida por uma sugestão do animador ou de algum membro do grupo. É uma maneira hábil de evitar discussões teóricas. Antes de exprimir seu pensamento, é preciso que se escute o Senhor em silêncio.

A oração partilhada, forma de diálogo, deve ser praticada com muita caridade, de maneira natural e distendida, em respeito mútuo e afabilidade. Que todos e cada um se sintam livres de sugerir, uma leitura, um canto, uma pausa e refletir e partilhar o resultado destas reflexões sobre determinado assunto.

Oração espontânea

Neste campo, somos ainda bastante inibidos e por isso esta parte do encontro é a mais sincera. Pode-se tentar um esforço gradual até chegar no ponto desejado, sem o cuidado daquilo que pensarão os outros e, sobretudo, em razão daquilo que poderá significar de enriquecedor: uma esperança maior, um apoio mútuo, um hino de louvor e reconhecimento. Quase sempre é no fim do encontro que se fazem orações de intercessão, momento em que se solicita ao grupo que reze por intenções especiais. Não se deve, todavia, multiplicar estas intenções indefinidamente a ponto de desfazer a atmosfera de oração do encontro.

E. Como participar de um Encontro?

Para participar de um encontro de oração, de maneira que valha a pena, é necessário saber escutar uns aos outros, estar atento ao que passa em si e enfrentar os obstáculos que se apresentam.

Saber escutar uns ao outros

Se se aceita que o Espírito fala freqüentemente pela voz "do me-

Oração silenciosa

Aprender a rezar completamente à vontade num momento de pausa. Freqüentemente é no silêncio que o Espírito trabalha em nós de maneira que não se exprime por palavras. É de silêncio que precisamos para melhor estar à escuta do Espírito. É por isso que a reunião tomará muitas vezes a forma de uma sessão de escuta na qual os participantes, desde o começo, de maneira conjunta, pede ao Senhor de lhes revelar claramente a sua vontade, para o que se recolheram na calma e no silêncio, durante vinte ou trinta minutos, e tentam conjuntamente compreender a mensagem do Espírito. Esta forma de oração pode se repetir muitas vezes. Nem sempre há necessidade de falar por gestos ou por palavras. Alguns encontros podem ser calmos e silenciosos durante longos momentos. Outras vezes, porém, poderão ser penosos estes momentos, como a agonia do Jardim. Quem sabe, se estes últimos não são muito mais frutuozos?

nor de nossos irmãos", será então preciso escutar com infinito respeito todas as manifestações da palavra. Quando um membro do grupo fala, todos dão-lhe atenção plena e total, ajudando-o, se precisar, com intervenções discretas, a falar com mais facilidade. Pode utilizar perguntas sugestivas, todas simples, que denotem um desejo profundo de compreensão e de respeito, de

paciência simpática, diante de certa lentidão do caminhar. Ninguém se esqueça que a mensagem de uma pessoa se comunica não apenas por palavras, muitas vezes, porém, por gestos, pela expressão e contração do rosto, e até pelo silêncio que pode ser mais expressivo ainda. Através destas modalidades de comunicação, esforçar-se por adivinhar os sentimentos dos outros a fim de adotar uma atitude que se impõe, num ato de aceitação e de amor.

Estar sempre atento e se esforçar por entender o que os outros não dizem, exige uma presença total da parte de cada um dos membros do grupo, presença que é dom de si mesmo aos outros.

Estar atento ao que se passa em si

Enquanto os outros falam, estar atento à própria atitude interior para com eles. Escutar sem julgar é um dos fatores mais importantes do sucesso ou insucesso da reunião. Esforçar-se por compreender cada pessoa como ela é para que ela seja realmente o que é. Deixar cada um falar aquilo que vive num determinado momento de sua caminhada espiritual, com respeito ao caráter único e original de seu ser, para que ela viva Deus e não a si mesmo.

“Na casa de meu Pai há muitas moradas. Não fora assim, e eu vos teria dito, pois vou preparar-vos um lugar,” Jo 14, 2.

“Como em um só corpo temos muitos membros mas todos os membros não têm a mesma função, as-

sim nós, embora sejamos muitos, formamos um só corpo em Cristo, e cada um de nós somos membros uns dos outros. Temos diferentes dons conforme a graça que nos foi conferida. Amai-vos uns aos outros com amor terno e fraternal. Preveni-vos uns aos outros,” Rom 12, 4-6.10.

“Há diversidades de dons, mas um só espírito. Os ministérios são diversos, mas um só é o Senhor. Há também diversas realizações, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. A cada um é dada a manifestação do Espírito para proveito comum. Mas um só e mesmo Espírito realiza todas estas coisas, repartindo a cada um conforme lhe apraz,” 1 Cor 12, 4-7.11.

Sendo assim, os participantes devem se sentir livres para trocar suas experiências a respeito de Deus, numa linguagem conforme a realidade vivida, com a certeza de que o Espírito anima a cada um.

Obstáculos a enfrentar

Se alguma vez o caminho do encontro se acha bloqueado, é preciso buscar as causas. Pode ser que nos reunimos por motivos interesseiros, com a finalidade de encontrar consolo. Esperamos o que o Senhor fará para satisfazer nossos desejos em lugar de querer estar à disposição de sua vontade a nosso respeito. Seja como for, o êxito de um encontro depende sobretudo da preparação remota dos participantes, como vimos anteriormente. Se cada um é animado pelo espírito de oração e fala, sem rodeios, de seus

contatos cotidianos com Deus, não duvidará do caminho espiritual do grupo, pouco importa a forma de expressão que tomar a reunião. É preciso reconhecer os diversos graus de intensidade no correr do encontro: momentos de participação ativa, períodos de silêncio, momentos

privilegiados de atividade do Espírito. Sobre o que sobrevier, é indispensável um esforço para manter o grupo orientado para os valores espirituais, perseverando a despeito de qualquer obstáculo que se deva enfrentar.

A. A celebração eucarística

Se o grupo tiver a chance de ter um padre amigo, que participa dos movimentos de oração e conhece seu ritmo, a celebração será um prolongamento significativo do caminho percorrido. Sendo assim, deve-se traçar com ele um plano da liturgia e dos cantos.

Se o Ordo permite, escolher trechos de leituras e de cantos adaptados à reflexão do dia. Não traçar um plano muito elaborado nem consagrar muito tempo à preparação do ofício. Cada um esteja à

vontade e com grande sinceridade, em perfeito acorde com as intenções do grupo.

Acomodar-se ao redor do altar, torna-se nesta ótica, um sinal visível de uma comunidade de fé e de amor que o grupo tende a simbolizar e a viver. O desejo da paz torna-se então particularmente significativo. Não exagerar, mas que tudo seja significativo e executado com espírito mútuo, de benevolência e de paz.

II PARTE

OS GRANDES TEMAS DA ORAÇÃO CRISTÃ

Apresentamos estes temas de oração bíblica como instrumentos de animação. Poderão ser utilizados com flexibilidade e liberdade. A Introdução nos adverte que é o mesmo Espírito Santo que nos ensina a rezar (Jo 14,26), melhor do que qualquer livro ou programa. Ele nos ensina sobretudo a escutar, a ouvir

o Senhor na paz do coração e também nos dá a força de responder na fé.

As quatro partes do esquema estão intimamente ligadas entre si e se inspiram num roteiro de celebração eucarística: Primeiro, o querigma ou proclamação apostólica da

boa nova da salvação. Segundo, nossa resposta a este apelo divino. Terceiro, o crescimento cristão nas dimensões pessoal e comunitária. Quarto, a realização da aliança entre Deus e seu povo, pelo mistério da morte-ressurreição de Jesus e de seus discípulos.

I. À ESCUTA DO ESPÍRITO

A. Deus nos fala. “Mas o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, ensinar-vos-á todas as coisas”, Jo 14,26.

Sl 32, 8
Is 2, 2-3
Is 42, 16
Is 48, 17-19
Is 54, 12-14
Is 55, 10-11
Is 63, 8-9
Jer 15, 16
Jer 31, 33-34
Ez 34, 11-31
Os 2, 16
Miq 4, 1-2
Sof 3, 20
Lc 10, 22
Jo 1, 4-5,9
Jo 3, 11
Jo 6, 44-45
Jo 6, 63
Jo 8, 31-32
Jo 16, 7-15
1 Cor 2, 1-11
2 Cor 3, 12-18
2 Tim 3, 14-17
Heb 1, 1-2
1 Jo 2, 14-24
1 Jo 2, 27
Heb 4, 12-13

Observação: Quando você encontrar as letras VTB, isto significa: consulte também num Vocabulário de Teologia Bíblica as palavras indicadas.

Ver ainda as palavras: unção, revelação, ensinar, Palavra de Deus, num Vocabulário de Teologia Bíblica (VTB).

B. Disposições requeridas:

a) Sabedoria e simplicidade. “Naquela mesma hora, Jesus exultou de alegria no Espírito Santo, e disse: Pai, Senhor do céu e da terra, eu te dou graças porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes, e as revelaste aos pequeninos”, Lc 10,21.

Is 55, 8-9
Mt 11, 4-5
Mt 18, 3
Mt 19, 14
1 Cor 1, 17-25
1 Cor 1, 26-31
1 Cor 2, 1-16
1 Cor 3, 18-19
Tg 2, 5.

VTB: Loucura, simples, sabedoria.

b) Pureza de coração. “No dia seguinte, estava lá João outra vez com dois dos seus discípulos. E avistando a Jesus que ia passando, disse: Eis o Cordeiro de Deus. Os dois discípulos ouviram-no falar e seguiram a Jesus. Voltando-se Je-

sus e vendo que o seguiam, perguntalhes: "Que procurais?" Disseram-lhe: "Rabi, onde moras?" "Vinde e vede", respondeu-lhes ele", Jo 1, 35-39.

Is 7, 3-4
Is 38, 15-20
Ez 11, 18-20
Mt 5, 8

Lc 16, 13
Jo 5, 41
Rom 14, 8
1 Cor 10, 31
2 Cor 5, 9
2 Cor 10, 18
Gál 1, 10
Tg 1, 8
Filip 1, 21
VTB: Pureza, coração.

II. A BOA NOVA DA SALVAÇÃO

A. Confiança. "Não se perturbe o vosso coração. Credes em Deus. Crede também em mim", Jo 14, 1.

Gn 26, 24
Gn 46, 3-4
Êx 3, 11
Êx 7, 21
Dt 31, 7-8
Jos 1, 9
Is 7, 4
Is 8, 12-13
Is 10, 24-25
Is 26, 4
Is 30, 15
Is 41, 8-14
Is 43, 1-7
Is 51, 7
Jer 30, 10-11
Jer 46, 27-28
Miq 7, 7
Sof 3, 14-18
Mt 6, 25-34
Mt 8, 23
Mc 6, 49-50
Lc 12, 4-7
Lc 12, 22-32
1 Cor 10, 13
Ef 3, 10-13
Filip 4, 6-7
1 Pe 1, 13

VTB: confiança, temor, esperança.

B. Amor misericordioso. "De tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Deus não enviou o Filho ao mundo para condená-lo, mas para que o mundo seja salvo por ele", Jo 3, 16-17.

Êx 3, 7-10
Jz 10, 15-16
1 Rs 6, 11-14
2 Rs 20, 1-6
1 Par 17, 16-27
Is 35, 1-10
Is 42, 1-4
Is 49, 8-17
Is 61, 1
Os 11, 1-9
Miq 7, 18, 20
Zac 10, 6-7
Lc 13, 7-9
Lc 13, 34-35
Lc 15 (todo)
Lc 23, 34
Lc 23, 42-43
Jo 17, 6

Rom 3, 24

Rom 16, 25

Heb 2, 17

VTB: Jesus, redenção, salvação.

C. Providência divina. “Não vos lembreis mais dos acontecimentos de outrora, não recordeis mais as coisas antigas; porque eis que vou fazer obra nova”, Is 43, 18-19. “Por esta razão os judeus, com maior ardor, procuravam tirar-lhe a vida, porque não somente violava o sábado, mas afirmava ainda que Deus era seu Pai e se fazia assim igual a Deus. Jesus tomou a palavra e disse-lhes: “Em verdade, em verdade vos digo, o Filho de si mesmo não pode fazer coisa alguma; ele só faz o que vê fazer o Pai; e tudo o que o Pai faz, fá-lo também semelhantemente o Filho”, Jo 5, 18-20.

Êx 5, 6-8

Êx 13, 14

Is 39, 33

Is 10, 13

Is 27, 2-5

Is 41, 2-4

Is 41, 19-20

Is 42, 24

Is 44, 23-24

Ir 45, 7

Is 48, 6-16

Is 52, 8-10

Is 65, 17

Jo 9, 4

Jo 10, 37-38

Jo 17, 4

2 Cor 5, 16-19

Apoc 21, 1-7

Apoc 21, 16-21

VTB: criação, desígnio de Deus, obras.

D. Deus é o Senhor. “Que toda a casa de Israel saiba portanto com a maior certeza de que este Jesus, que vós crucificastes, Deus o constituiu Senhor e Cristo”, At 2, 36.

Is 28, 16

Is 40, 27-31

Is 42, 1-9

Is 60, 1

Is 62, 11

Mt 4, 17

Jo 13, 12-17

Jo 18, 36-37

At 2, 22

Rom 1, 3-5

Rom 5, 21

Rom 14, 8

Ef 1, 10

2 Cor 4, 5-6

Gál 2, 20

Gál 3, 29

Gál 5, 24

Filip 2, 11

Filip 3, 8

Heb 2, 10

Heb 4, 14-16

Apoc 1, 13-16

Apoc 5, 12

VTB: Reino, Senhor, Messias, Ressurreição, Filho do Homem.

E. Fé em Deus. “Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam. Mas a todos aqueles que o receberam, aos que crêm no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus”, Jo 1, 11-12.

Gn 18, 22-23

Is 4, 2-6

Is 6, 12-13

Is 10, 20-21

Is 11, 10-12

Is 27, 12-13

Is 28, 5-6
Is 37, 31-32
Jer 23, 1-4
Jer 31, 7
Jer 50, 19-20
Miq 2, 12
Miq 4, 6-7
Miq 5, 6-8
Sof 2, 3
Sof 3, 11-13
Zac 8, 6
Mt 11, 5
Mt 22, 1-4
Lc 13, 34-35
Jo 10, 26-29
At 13, 48
Rom 11, 3

VTB: Vocação, eleição, pobreza, humildade.

F. O dom do Espírito. "Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: Dá-me de beber, certamente lhe pedirias tu mesma e ele te daria uma água viva", Jo 4, 10.

Is 11, 1-2
Is 44,3-5
Is 51, 9-12
Is 61, 1
Ez 36, 37
Ez 37, 1-14
Ez 39, 2-29
Joel 3, 1-2
Am 9, 11-15
Zac 4, 6
Lc 4, 1
Lc 4, 14
Lc 24, 49
Jo 1, 33
Jo 3, 5
Jo 3, 35
Jo 6, 27

Jo 7, 39
Jo 14, 16
Jo 14, 26
Jo 16, 13
Jo 16 (todo)
Jo 20, 22
At 1, 5
At 1, 8
At 2, 1-36
At 4, 23-31
At 5, 32
At 7, 51
At 10, 38
At 10, 44-48
At 13, 52
At 14, 3
At 19, 1-7
Rom 5, 5
Rom 8, 26-27
Rom 14, 17
Rom 15, 13
1 Cor 2, 4-5
1 Cor 3, 16
1 Cor 6, 19
2 Cor 3, 18
Gál 3, 1-5
Gál 4, 6-7
Gál 5, 16-26
Ef 6, 10
Filip 1, 11
Filip 2, 1
Filip 3, 3
Col 1, 11
Col 4, 8
1 Tess 1, 5
1 Tess 5, 19
1 Tess 4, 8
2 Tim 1, 6-7
2 Tim 3, 5

VTB: Consolação, dom, graça, alegria, vida, Paráclito, Pentecostes, poder, promessas, Espírito de Deus.

III. NOSSA RESPOSTA

1. Arrependimento. “Naqueles dias, apareceu João Batista, pregando no deserto da Judéia. Dizia ele: “Fazei penitência porque está próximo o Reino de Deus”, Mt 3, 1.

Is 30, 15
Is 31, 5-7
Is 40,1-5
Is 44, 21-22
Is 45, 22
Is 55, 6-9
Jer 3, 12-19
Jer 4, 1
Jer 31, 15
Ez 33, 11
Ez 36, 22-28
Os 6, 1
Os 14, 2
Joel 2, 12-17
Zac 1, 3
Mal 3, 7-17
Mt 3, 1-3
Mt 4, 12-17
Mt 18, 3
Lc 3, 1-18
Lc 19, 8-10
Lc 24, 44-49
At 5, 31
At 11, 18
At 17, 30
At 19, 8-10
Rom 12, 2
2 Cor 7, 8-12
Ef 4, 23
Col 1, 13-14
Ti 2, 11-14
Heb 12, 1
2 Pe 3, 8-10

VTB: Êxodo, coração, perdão, arrependimento, conversão.

2. Confiança. “Quem crer e for batizado, será salvo, mas quem não crer, será condenado”, Mc 16, 16.

Gn 12, 1
Gn 15, 1-6
Gn 17, 1-22
Gn 22, 1-18
Núm 14, 11
Is 7, 9
Jer 17, 7
Mt 8, 5-13
Mt 8, 10
Mt 8, 23-27
Mt 13, 58
Mt 21, 18-22
Lc 1, 20-45
Lc 5, 20
Lc 7, 23-50
Lc 12, 4-7
Lc 12, 22-32
Lc 17, 5-6
Lc 18, 42
Lc 24, 5.25
Jo 1, 7.12.39
Jo 3, 15-18
Jo 6, 37
Jo 11, 40
Jo 12, 35-46
Jo 16, 1.27
Jo 20, 27-29
At 3, 16
At 9, 6
At 10, 43
At 13, 39-39
At 13, 48
At 14, 9
At 15, 9
At 16, 31-34
At 22, 10
Rom 1, 16

Rom 4 (todo)
Rom 5, 11
Rom 8, 28
Rom 16, 26
1 Cor 1, 21
1 Cor 15, 58
2 Cor 4, 18
Gál 2, 15-21
Gál 3 (todo)
Gál 5, 5
Filip 1, 11
Filip 3, 9
Ef 2, 7-10
Ef 3, 12
Ef 3, 14-21
1 Tess 2, 13
1 Tess 3, 1-4
1 Tim 1, 14
1 Tim 4, 10
2 Tim 1, 12
Tim 3, 4-8
Heb 4, 2
Heb 11, 1
Heb 12, 2
Tg 2, 14-26
1 Pe 1, 21
VTB: Confiança.

3. Recompensa prometida. “Pedro, então, disse: “Vê, nós abandonamos tudo e te seguimos”, Lc 18, 26.

2 Par 6, 14
Mt 4, 22
Mt 5, 3
Mt 6, 19-21
Mt 10, 39
Mt 13, 44-46
Mt 19, 21
Lc 5, 11.28
Lc 6, 20
Lc 9, 3.24.58
Lc 10, 4

Lc 11, 23
Lc 12, 21
Lc 12, 33-34
Jo 12, 24
Lc 22, 35-36
Gál 2, 20-21
Filip 3, 8
Jo 4, 5
Mc 8, 21
Lc 14, 33
Lc 16, 13

VTB: Discípulo, fidelidade, rebanho, ovelha.

4. Discípulo do Cristo. “Todo aquele que me reconhecer diante dos homens, também o Filho do Homem o reconhecerá diante dos anjos de Deus”, Lc 12, 8.

Êx 4, 10-17
Jer 1, 4-10
Mt 16, 13-17
Lc 8, 16-17
Lc 9, 26-60
Lc 12, 1-12
Lc 18, 43
Jo 18, 37
Jo 20, 28
At 1, 8
At 16, 30
At 20, 24
At 22, 15
Rom 10, 9
1 Cor 12, 3
1 Tim 6, 12
2 Tim 1, 8
VTB: Confissão.

5. Humildade e pobreza. “Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanecer em mim e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer”, Jo 15, 5.

Sl 25, 14
Sl 127
Is 3, 17-24
Is 29, 19-20
Is 31, 1
Is 53, 6-7
Is 57, 15
Is 66, 1-2
Sof 2, 3
Mt 18, 1-4
Mt 20, 24-28
Lc 5, 31-32
Lc 9, 46-48
Lc 14, 7-11
Jo 3, 30
Rom 7, 18-19
Rom 12, 3
1 Cor 10, 12
Filip 2, 3
2 Tim, 2, 22-26
1 Pe 3, 8
1 Pe 5, 5-7
2 Cor 11, 30
2 Cor 12, 5-9

VTB: Humildade, fraqueza, pobreza.

6. Sede de Deus. "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados", Mt 5, 6.

Dt 4, 29-31
1 Par 16, 8-14
2 Par 15, 1-15
2 Rs 23, 25
Sl 42
Is 8, 17
Is 26, 8-9
Is 26, 16
Is 55, 6-8
Jer 50, 4-5
Am 5, 4-6
Sof 2, 3
Mc 6, 6.48-50

Lc 11, 5-13
Lc 24, 28-29
Jo 1, 38
Jo 7, 37-39
2 Tess 1, 11-12
VTB: Desejo, fome e sede, fraqueza.

7. Renovação da consagração baptismal. "Até agora não pedistes nada em meu nome. Pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja perfeita", Jo 16, 24.

Is 11 (todo)
Is 38, 1-6
Is 64, 3
Is 65, 1-16
Mt 3, 13-17
Lc 4, 1
Lc 11, 13
Jo 1, 33
At 2, 21
At 2, 46
At 13, 52
Rom 5, 5
Filip 4, 6-7
Col 3, 1-4
Tg 1, 5-8
1 Jo 5, 14-15

VTB: Batismo, dom, missão, novo nascimento.

CONSAGRAÇÃO

Nele foram criadas todas as coisas,
Col 1, 15-20.

O homem nascido da água e do Espírito, Jo 3, 5.

Para viver em Cristo uma vida nova, Rom 6, 4.

Em vista das boas ações que Deus preparou, Ef 2, 10.

IV. O CRESCIMENTO CRISTÃO

A. O cristão.

1. Oração solitária, pessoal.

“Mas ele costumava retirar-se a lugares solitários para orar”, Lc 5, 16.

Êx 33, 7-17

Êx 34, 29-35

Núm 12, 7-8

2 Sam 7, 18-29

2 Par 7, 14

Jó 42, 8

Sl 46, 10

Sl 63, 6-8

Sl 119

Os 2, 16-22

Zac 12, 10

Mc 6, 46

Lc 4, 42

Lc 6, 12

Lc 11, 1

Lc 21, 37

Lc 22, 29

Mt 21, 22

Jo 4, 23

At 10, 2-9

At 10, 30

VTB: Adoração, oração, solidão.

2. Vida de oração. “Vigiai, pois, em todo o tempo, e orai a fim de que vos torneis dignos de escapar a todos estes males que há de acontecer, e de vos apresentar de pé diante do Filho do Homem”, Lc 21, 36.

Gn 6, 9

Dt 8, 11.18.20

Dt 11, 18

Os 2, 15

Rom 8, 27

Ef 6, 18

1 Tess 5, 17

Jud 20-21

VTB: Memória, silêncio, presença de Deus.

3. Vida de oração. Escuta. “Então da nuvem saiu uma voz: Este é o meu Filho muito amado. Ouvio!”, Lc 9, 35.

Is 3, 1-11

Is 29, 13-14

Is 50, 4-5

Is 55, 1-3

Jer 7, 21

Jer 12, 2

Mt 5, 37

Mt 7, 24-27

Lc 2, 19

Lc 6, 47

Lc 8, 5-21

Lc 9, 35

Lc 10, 24

Lc 10, 40

Lc 11, 28

Lc 14, 35

Jo 3, 11

Jo 5, 24

Jo 6, 45

Jo 8, 31-47

Jo 10, 27

Jo 18, 27

Mt 11, 15

At 3, 22

Col 3, 16

2 Tess 2, 14-16

Heb 12, 22-29

Tg 1, 19-25

Tg 3, 1-12

Tg 5, 7-12

1 Pe 3, 15-16

Apoc 2, 7

VTB: Escutar.

4. Vida de oração. Vigilância.

“Vigiai, pois, porque não sabeis a hora em que virá o Senhor”, Mt 24, 42.

Os 13, 6

Lc 12, 35-46

Lc 19, 44

Lc 21, 34-36

Lc 22, 46

Mc 14, 38

1 Tess 5, 4-8

1 Pe 5, 8

VTB: Vigilância.

5. Vida de oração. Discernimento. “Não sejais imprudentes, mas procurai compreender qual é a verdade de Deus”, Ef 5, 17.

1 Rs 3, 7-14

Is 5, 13-20

Is 27, 11

Is 31, 1

Jer 4, 22

Lc 12, 57

Lc 16, 8

Lc 19, 44

Mc 6, 52

Rom 12, 1

Ef 5, 10

Filip 1, 9

Col 1, 9

1 Tess 5, 21

VTB: Luz, gozo, julgamento, vontade de Deus.

6. Obediência na fé. “Disse-lhes Jesus: Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e completar a sua obra”, Jo 4, 34.

Gn 22, 1

Êx 22, 1

Êx 3, 4

1 Rs 2, 3-4

Is 15, 22

Mt 7, 21

Mt 12, 50

Mt 26, 42

Lc 1, 38

Lc 2, 49

Jo 6, 38

Jo 5, 30

Jo 7, 17

Jo 8, 29

Jo 14, 21-31

1 Pe 1, 14

1 Pe 2, 13-18

Tg 2, 14-26

VTB: Fé, fidelidade, obediência, vontade de Deus.

B. A comunidade cristã.

1. Oração comunitária. “Todos eles perseveraram unanimemente na oração, juntamente com as mulheres, entre elas, Maria, Mãe de Jesus, e os irmãos dele”, At 1, 14.

Êx 4, 22-23

Zac 8, 16

Mt 18, 19

Mt 26, 36

Lc 9, 18-28

Jo 15 (todo)

At 2, 1-4

At 4, 23-31

At 9, 31

At 12, 5-12

At 13, 2-48

At 14, 23

At 16, 25

At 20, 36

At 21, 5-6

Rom 12, 4

Rom 15, 6

1 Cor 12, 4

Ef 4 (todo)

Filip 2, 1-5

Col 1, 18

Col 3, 16-17
1 Tess 4, 18
1 Tess 5, 11
2 Tim 2, 22-26
Heb 3, 13
Heb 10, 25
1 Pe 4, 7-11
1 Jo 1, 3
Apoc 19, 5-10
Lc 1, 38
Lc 1, 39-56
Lc 2, 19
Lc 2, 35
Lc 11, 27-28
Mc 3, 31-35
Jo 2, 5
Jo 19, 25-27

VTB Igreja, Carisma, Corpo de Cristo, Povo, Louvor, Templo, Servir, Servidor de Deus, Culto, Adoração.

2. Amor de caridade. "Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros", Jo 13, 35.

Gn 33, 12
Is 42, 2
Is 58, 6
Mt 18, 21-22
Mt 25, 31-46

Lc 6, 27-38
Lc 7, 1-13
Lc 10, 29-37
Lc 13, 8
Lc 23, 34
Jo 3, 17
Jo 12, 47
Jo 13, 14
Jo 13, 34
Rom 12, 10-14
Rom 13, 8-10
Rom 14 (todo)
Rom 15, 1-13
2 Cor 5, 19
Gál 5, 13-26
Gál 6, 1-2
1 Cor 10, 24
1 Cor 13, 1-13
1 Cor 16, 14
Ef 4, 1-3
Ef 4, 32
Ef 5, 2
2 Tim 2, 25
Filip 1, 3-11
1 Tess 4, 9
1 Pe 1, 22
1 Pe 3, 8-12
1 Pe 4, 8-11
Tg 1, 27
1 Jo 4, 7-21
2 Jo 5, 6

V. A REALIZAÇÃO DA ALIANÇA

A. Na passagem pela morte.

1. Os inimigos da Aliança. "O espírito é que vivifica, a carne de nada serve. As palavras que vos tenho dito são espírito e vida", Jo 6, 63.

Is 31, 3
Jer 17, 5
Mc 14, 38

Jo 3, 6
Jo 6, 63
2 Cor 10, 2
2 Cor 3, 6
Rom 7, 17-20

2. O mundo. "A que caiu entre os espinhos, estes são os que ouvem a palavra, mas, prosseguindo o caminho, são sufocados pelos cuida-

dos, riquezas e prazeres da vida, e assim, os seus frutos não amadurecem”, Lc 8, 14.

Is 30, 1-2
Jer 2, 13
Mt 22, 5
Lc 14, 17-20
Jo 1, 10
Jo 8, 23
Jo 16, 33
Jo 17, 14
Jo 18, 36
1 Cor 2, 12
Gál 6, 14
1 Pe 1, 13
Rom 12, 2

3. Satanás. “Fortalecei-vos no Senhor, pelo seu soberano poder. Revesti-vos da armadura de Deus, para que possais resistir às ciladas do demônio”, Ef 6, 10-12.

Lc 4, 1-13
Lc 10, 17-20
Jo 13, 2-27
2 Cor 2, 11
2 Cor 11, 14
Tg 4, 7
1 Jo 5, 18
Apoc 12, 7

VTB: Morte, mundo, satanás, espíritos maus, inimigo, carne, pecado.

4. A agonia. “E, tomando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se. Disse-lhes então: Minha alma está triste até a morte”, Mt 26, 36-37.

Sl 22, 1
Jer 3, 1-33
Ez 39, 21-29

Mt 27, 46
Jo 12, 25-32
Jo 13, 21
Mt 8, 23-27
At 26, 18
1 Pe 2, 9
Mt 16, 21
2 Cor 3, 12-18
Êx 16, 10

VTB: Nuvem, deserto, noite.

5. A cruz. “Em seguida, dirigiu-se a todos: Se alguém quer vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me”, Lc 9, 23.

Jó 33, 19-30
Jó 42, 5
Is 50, 6-9
Is 52, 14
Is 63, 1
Zac 13, 1
Mt 5, 10-12
Mt 7, 14
Mt 10, 38
Lc 6, 22-23
Lc 9, 51
Lc 22-23 (todo)
Lc 24, 26
Jo 12, 24
Jo 16, 33
Jo 18, 11
At 5, 41
At 9, 16
At 14, 22
At 21, 12-24
Rom 5, 3-5
1 Cor 1, 17-25
1 Cor 2, 2
2 Cor 1, 3-7
2 Cor 4, 7-12
2 Cor 6, 4-5
Filip 1, 29
Filip 2, 8

Filip 3, 10

Filip 3, 18

Col 1, 24

Heb 2, 1

Heb 5, 8

Heb 12, 2

1 Pe 5, 10

1 Pe 4, 12-19

Apoc 2, 10

Apoc 7, 13-17

Apoc 12, 10

VTB: Cruz, páscoa, sacrifício, vitória.

B. A ressurreição.

1. Grandeza de Deus. "Ó abismo das riquezas e da sabedoria e da ciência de Deus! Quão inescrutáveis são os seus juízos e impeneetráveis os seus caminhos!" Rom 11, 33.

Êx 33, 18-23

Lev 19, 2

Dt 4, 32-40

Is 12, 24

1 Sam 12, 24

Sl 46, 10

Jó 32-42

Jó 42, 5

Jdt 8, 14

Jdt 16, 13-19

Is 29, 22-24

Is 40, 9-31

Is 43, 8-13

Is 44, 6-8

Is 46, 8-13

Is 49, 23-26

Is 55, 6-8

Jer 10, 6-16

Joel 4, 17

Mt 11, 27

Rom 11, 33-36

2 Cor 4, 6

1 Tess 4, 3

1 Pe 1, 15

Apoc 15, 3-4

VTB: Ressurreição.

2. Aliança de amor. "Durante a refeição, Jesus tomou o pão, benzeu-o e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai e comei, isto é o meu corpo. Tomou depois o cálice, rendeu graças e deu-lho dizendo: Bebei dele todos, porque este é o meu sangue, o sangue da Nova Aliança, derramado por muitos homens em remissão dos pecados", Mt. 26, 26-28.

Gn 9, 9

Gn 15, 18

Gn 17, 8

Êx 4, 23-24

Êx 5, 6-9

Êx 6, 2-9

Êx 19, 5

Lev 26, 11

Lev 26, 44-45

1 Rs 8, 22

Is 5, 1-3

Is 9, 5-6

Is 25, 6-12

Is 35 (todo)

Is 49, 14-16

Is 54, 4-10

Is 55, 4-5

Is 56, 4-8

Is 61, 8-11

Jer 30, 20

Jer 31, 31-34

Jer 32, 37-41

Zac 8, 6-8

Mal 3, 17

Jo 1, 3

Jo 3, 29

Jo 15, 1-5

Rom 8, 29-39

Rom 16, 25-27

Col 1, 17
Ti 2, 14
Heb 8 e 9 (todo)
Heb 13, 18-29
1 Pe 1, 18-21
Apoc 21, 9
Apoc 22, 17

VTB: Sangue, aliança, Cordeiro de Deus, sacrifício, salvação, força, sofrimento, reino.

3. Comunhão. "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é que me ama. E aquele que me ama, será amado por meu Pai e eu o amarei e manifestar-me-ei a ele", Jo 14, 21.

Êx 33, 11
Núm 12, 7-8
Dt 5, 32-33
Dt 10, 12
Dt 11, 22-32
Sl 73, 28
Sl 91, 14
Is 11, 9
Is 12, 1-6
Is 62, 2-5
Jer 13, 11
Jer 31, 20
Os 2, 21-22
Os 6, 3-6
Sof 3, 14-18
Mt 19, 11
Mt 24 (todo)
Mt 28, 20
Jo 1, 1
Jo 6, 35
Jo 6, 56-57
Jo 10, 14
Jo 14, 21
Jo 17, 24
Rom 5, 5

1 Cor 1, 8
1 Cor 6, 17
Gál 1, 9-10
Apoc 3, 20
Apoc 22, 20

VTB: moradia, pão, comunhão, eucaristia, mistério, presença de Deus, unidade, esposa, virgindade, glória, ação de graças.

4. Paz. "Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Não vo-la dou como o mundo a dá. Não se perturbe o vosso coração, nem se atemorize", Jo 14, 27.

Is 11, 6-9
Is 16, 5
Is 32, 15-20
Is 57, 18-19
Is 66, 10-14
Ez 37, 26
Ez 37, 26
Os 2, 20
Miq 5, 4
Ag 2, 4-9
Zac 8, 11-17
Mal 3, 1-3
Mt 5, 9
Lc 2, 14
Lc 19, 42
Jo 16, 33
Jo 20, 20-21
Jo 20, 26
Rom 8, 6
Rom 14, 19
1 Tess 4, 11
Col 1, 18-20
Col 3, 15
Tg 3, 16-18
1 Pe 4, 7
VTB: Paz, repouso, vitória.

JESUS, O SENHOR

Tende em vós a estima que se deve em Cristo Jesus. Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens. E sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz.

Por isso Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus, se dobre todo o joelho no céu, na terra e nos infernos.

E toda a língua confesse, para a glória de Deus Pai, que Jesus é o Senhor, **Filipenses, 2, 5-11.**



Na carta aos Efésios, Paulo descreve as implicações deste título: Jesus, o Senhor.

É nesse Filho, pelo seu sangue, que temos a redenção, a remissão dos pecados, segundo as riquezas de sua graça, que derramou profusamente sobre nós numa plenitude de sabedoria e de prudência.

Fez-nos conhecer o misterioso desígnio de sua vontade que, em sua benevolência, ele formara desde sempre, para realizá-lo na plenitude dos tempos,

o desígnio de reunir em Cristo todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra.

Nele é que fomos escolhidos, predestinados segundo o desígnio daquele que tudo realiza por um ato deliberado

de sua vontade, para servir à celebração de sua glória, nós, que desde o começo temos voltado nossas esperanças para Cristo. Nele também vós, depois de terdes

ouvido a palavra da verdade, o Evangelho de nossa salvação, no qual tendes crido, fostes selados pelo Espírito Santo,

que fora prometido, que é o Senhor de nossa herança, enquanto esperamos a completa redenção daqueles

que Deus adquiriu para o louvor de sua glória, **Efésios 1, 7-14.**

LIVROS NOVOS

**RECEBEMOS DE E. P. U.
EDITORA PEDAGÓGICA
E UNIVERSITÁRIA LTDA.**

1. ESPAÇO PESSOAL, As Bases Comportamentais de Projetos e Planejamentos, Robert Sommer. Tradução do original norte-americano **Personal Space, the behavioral basis of design**, de Dante Moreira Leite. Ano 1974. Páginas 222.

Este livro trata de um problema ainda não abordado em língua portuguesa: a significação do espaço para o comportamento em várias situações. As informações são obtidas em várias pesquisas da psicologia e da sociologia, desde o comportamento animal até as relações interpessoais em escolas, hospitais, residências, escritórios, parques, etc. O assunto é exposto em linguagem clara e precisa, significando em decorrência, que será facilmente compreendido não apenas por psicólogos e sociólogos, mas também por especialistas de outras áreas e que precisam enfrentar os problemas de dimensiona-

mento de ambiente humano. O livro será extremamente útil em cursos de psicologia, sociologia, arquitetura, educação e também nos cursos de decoração de ambientes, residenciais e públicos pois em todos esses campos enfrentamos os problemas de dimensionamento de espaço para o indivíduo.

2. PSICOFÍSICA CLÁSSICA E MÉTODOS ESCALARES, Sidney Manning e Edward Rosenstock. Tradução do original norte-americano **Classical Psychophysics and Scaling**, de Olgierd Stamirowski. Ano 1974. Páginas 128.

A psicofísica é uma ciência que se encontra na base de qualquer experimento de laboratório, seja sobre atitudes sociais, aprendizagem em macacos, ou um simples acionar de caçaníqueis por um adulto. Fechner foi o seu fundador, a partir do momento em que julgou ser possível medir a energia mental da mesma forma que um físico mede a energia física.

Das diversas tentativas feitas por ele e seus seguidores, para chegar a uma lei geral sobre a matéria, originaram-se três métodos principais de medição: ● Método dos Limites. ● Método do Erro Médio. ● Método dos Estímulos Constantes, que constituem o núcleo da psicofísica clássica. Mas a psicofísica pode também ser considerada como uma técnica de construção de escalas, na medida em que o experimentador procura traduzir, em números, fenômenos comportamentais que resultam da percepção de estímulos físicos. E isto constitui a matéria da segunda parte deste livro: os Métodos Escalares.

Crédito-

Aceites cambiais, empréstimos e financiamentos, refinanciamentos através do PIS, FINAME, FIPEME, FIMACO, empréstimo em moeda estrangeira, avais e garantias, leasing, crédito direto ao consumidor.

Distribuição e venda-

Letras de câmbio, certificado de depósito a prazo fixo, fundos de investimentos, ações e debêntures, incentivos fiscais, títulos governamentais.

Investimentos -

Emissão e registro de títulos, administração de valores, custódia de títulos, participação acionária, underwriting, administração de fundos de investimento, operações em bolsas de valores, certificado de depósito de valores mobiliários em garantia.

**O Denasa
presta todos
os serviços
de um banco de
investimento.
E está entre os
10 grandes.**

O Banco Denasa tem uma equipe de técnicos pronta para oferecer a você a melhor solução. Especialistas no mercado de capitais, fazem um atendimento rápido e eficiente de todos os serviços de um banco de investimento. Na hora de escolher, pense grande. Escolha um dos 10 maiores. O Denasa, por exemplo. O do atendimento especial:

Conselho de Administração

Presidente
Juscelino Kubitschek de Oliveira
Conselheiros
Lucas Lopes
Baldomero Barbará Filho
Louis Steuerman
Luiz G. de Souza Lima
Victor Nunes Leal
Fernando Geraldo Simonsen
Mme. Lillane V. Schneider

Diretoria Executiva

Presidente
Baldomero Barbará Neto

Vice-Presidentes
Rodrigo P. de Pádua Lopes
Rodolfo E. Antici
Carlos Alberto Mendes
Henrique Souza Lima

Diretores
Roberto Lima Neto
Lúcio Santos Pereira
Marcos Milliet
José Guilherme Padilha
Cel. Mucio Scorzelli

Diretoria Adjunta

Carlos Murilo F. dos Santos
Wladimir Rioli
Júlio Rego
Evandro F. Paiva

Banco Denasa de Investimento S.A.



Denasa - Desenvolvimento Nacional S. A.
Crédito, Financiamento e Investimentos
Denasa S. A. - Corretora de Títulos e Valores Mobiliários
Denasa Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários S. A.
Denasa Leasing S. A.
Denasa Marketing e Comunicação Ltda.
Denasa Sistemas e Métodos S. A.
Denasa Imobiliária S. A.
Denasa São Paulo Corretora de Valores Mobiliários e Câmbio Ltda.
Denasa Corretora de Seguros Ltda.

Rio de Janeiro - Rua da Alfândega, 28 - Tel.: 244-5022
São Paulo - Rua da Consolação, 368 - Tels.: 256-8696 - 256-7880
Belo Horizonte - Av. Augusto de Lima, 150 - Tel.: 26-9751 e
Av. Amazonas, 311 - 7º andar - Tel.: 22-1577
Brasília - Edifício Gilberto Salomão - Setor Comercial Sul - Bloco M
Lojas 3 e 6 - Tels.: 24-8609 - 24-9609
Porto Alegre - Rua dos Andradas, 1332 - 2º andar - Tel.: 24-1140